

Waldemar Ferreira Netto

Relembrando a Gramática

<http://dx.doi.org/10.4322/978-85-99829-37-0>

Paulistana
~ Editora ~

São Paulo 2009

Copyright by Waldemar Ferreira Netto

Editora responsável
Adélia Maria Mariano da S. Ferreira

Capa
William de Paula Amado

Diagramação
Selma Consoli Mtb 28.839

Revisão
Adélia Maria Mariano da S. Ferreira
Rosane de Sá Amado

Infothes Informação e Tesouro

F439 Ferreira Netto, Waldemar
Relembrando a gramática. / Waldemar Ferreira Netto. – São Paulo:
Paulistana, 2009.

126 p.

ISBN 978-85-99829-37-0

DOI 10.4322/978-85-99829-37-0

Língua Portuguesa. 2. Gramática. 3. Português. 4. Linguística.

I. Título. II. Distinção entre Variantes do Português. III. Norma
Ortográfica.

CDU 801

CDD 469.8

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo eletrônico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem a autorização prévia e escrita da Editora.

Todos os direitos desta edição reservados à

Paulistana
~ Editora ~

Editora Paulistana Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 2.100 sala 3 Pinheiros

05404-005 São Paulo – SP

www.editorapaulistana.com.br

[2009]

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
DISTINÇÃO ENTRE VARIANTES DO PORTUGUÊS	7
O português no mundo	7
O português no Brasil	9
NORMA ORTOGRÁFICA	13
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS	53
CLASSES DE PALAVRAS	61
Substantivo	61
Adjetivo	65
Numeral	69
Artigo	71
Pronome	72
Verbo	80
Advérbios	89
Conectivos	94
Conjunções coordenativas	99
Conjunções subordinativas	101
SINTAXE	103
Sintaxe interna da oração	103
Sintaxe entre orações	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

Apresentação

O livro *Relembrando a gramática* é um convite a professores de língua portuguesa para que não só *relembrem* conceitos aprendidos nos cursos de Letras, mas principalmente *repensem* esses conceitos. A obra se inicia com um breve, mas consistente panorama das variantes do português no mundo e no Brasil, e segue dividindo a gramática em quatro níveis: ortografia, formação de palavras, classes de palavras e sintaxe, abrindo espaço para uma subdivisão do nível linguístico a que tradicionalmente conhecemos por “morfologia”, e que tem sido amplamente *rediscutido* entre os pesquisadores.

Além de apresentar o novo acordo ortográfico, formulado em 1990, mas apenas 18 anos mais tarde promulgado pelos países constituintes da CPLP, Waldemar Ferreira Netto atualiza aspectos da língua portuguesa, com uma linguagem acessível e exemplos extraídos de textos consagrados da literatura, letras de música, textos de jornais e revistas contemporâneos e textos da internet, fazendo também um contraponto com exemplos extraídos de textos orais, como discursos políticos.

Esta é mais uma obra da Coleção *Discussões*, que, desta vez, propõe ao leitor *revisitar* a gramática da língua portuguesa...

Distinção entre variantes do português

O português no mundo

A língua portuguesa é uma das línguas mais usadas em todo o mundo. Como língua materna é a sexta em número de falantes, depois do chinês (mandarim), do espanhol, do inglês, do bengali e do hindi. Sua dispersão ocorre principalmente na região atlântica, nos países Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau; e na costa leste da África, em Moçambique. No extremo oriente, é falada no Timor Leste e na Região Administrativa Especial de Macau, no Território Chinês. Essa dispersão teve início no século XVI com a expansão marítima portuguesa. Atualmente, é falada por quase 200 milhões de pessoas em todo o mundo, como língua oficial. Apesar dessa abrangência, a língua portuguesa mantém suas características básicas em todas as regiões.

Algumas poucas variações manifestam-se de uma forma mais evidente. Podem ocorrer no léxico, por exemplo:

Angola	Portugal	Brasil
rebuçado	rebuçado	bala
maximbombo	autocarro	ônibus
chuinga	pastilha elástica	chiclete
muceque	bairro de lata	favela

É o léxico, normalmente, que é mais sujeito às diferenças perceptíveis entre as variações das línguas. Suas origens denunciam as tendências de seus falantes. Entre Brasil e Portugal, as diferenças lexicais são as que melhor caracterizam essas tendências, por exemplo, no campo da informática. No Brasil, usamos os termos ingleses *mouse* e *site* (leia-se “mause” e “saite”, respectivamente) e em Portugal usam-se suas traduções literais *rato* e *sítio*; aportuguesamos a grafia e a pronúncia inglesa em *cliq*ue, em Portugal, optou-se por uma palavra já existente no português: *premir*. Foram feitas opções diferentes para o que era *screen* em inglês: em Portugal optou-se por *ecrã*, que teve sua origem no francês *écran*, e no Brasil optamos por *tela*.

Mas não é somente no léxico que as variações mais salientes se manifestam. Há também aquelas que dificultam a compreensão imediata do que ouvimos: são as variações prosódicas, que ocorrem, por exemplo, na velocidade ou no ritmo da fala, ou variações fonéticas, que ocorrem quando os sons que ouvimos são diferentes daqueles que esperávamos ouvir em determinadas palavras. Em Portugal, fala-se muito mais rapidamente do que no Brasil, tendo-se não raras vezes a nítida impressão de que as palavras não foram pronunciadas inteiras: uma palavra como *universidade*, muito facilmente será ouvida como “nibrisidad”. Também palavras como *socorro*, *solução* e *tencionar*, ouviremos “sucorro”, “sulução” e “tenciunar”. Mais estranho para os falantes brasileiros é entender que *mãe* e *além*, como na quadrinha abaixo, podem fazer uma rima.

Minha terra não é aqui
Minha terra é mais além
Minha terra é Teixeira
*Onde mora minha mãe*¹

¹ Disponível em: <http://teixeira.home.sapo.pt/Quadras_Populares.html>.

Há variações menos perceptíveis que, nem sempre, dificultam a compreensão entre os falantes. Por exemplo, no português falado no Brasil, usamos com muita frequência expressões como *estou falando, estão ouvindo*; em Portugal, isso seria dito como *estou a falar e estão a ouvir*. No Brasil, diríamos *ninguém protestou contra a iniciativa*; em Moçambique diriam *ninguém protestou a iniciativa*.² São variações que envolvem aspectos linguísticos que não têm a mesma saliência do léxico e da fonética. No entanto atingem, na maior parte das vezes, aspectos fundamentais da estrutura das línguas. Não há como fazer prognósticos e definir que daqui a alguns séculos a língua portuguesa terá se dividido em outras tantas línguas. Podemos apenas afirmar que, atualmente, há variação no uso da língua portuguesa nos diversos países em que ela é falada, mas que ela é a mesma língua para todos.

O português no Brasil

No século XVI, quando chegaram ao Brasil, os portugueses encontraram muitas comunidades indígenas falantes de línguas muito diferentes da língua portuguesa. Na maior parte do litoral, essas comunidades falavam línguas que pertenciam à família linguística tupi-guarani. Principalmente eram faladas as línguas tupinambá e carijó. Nos primeiros séculos da história do Brasil, o número de falantes dessas línguas indígenas nas regiões ocupadas pelos portugueses era muito maior do que o de falantes do português. Assim, a opção dos portugueses fora a de usar as línguas majoritariamente faladas nessas regiões. Também os nascidos na colônia — mamelucos, filhos de portugueses com índias — falavam a língua de suas mães.

Apesar dessa característica, no correr dos séculos, a influência portuguesa, bem como a manutenção de portugueses em posições-

² Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2002vari.pdf>>.

chave da administração, provocou a primazia do uso da língua portuguesa em praticamente todos os centros administrativos da colônia. Isso não significa que a língua portuguesa tenha ficado incólume desse período de bilinguismo, nem que a presença maciça de negros-africanos com suas línguas particulares não tenha deixado marcas frequentes na língua portuguesa. Ao contrário, o português que hoje se fala no Brasil é o resultado do português falado em Portugal, principalmente com as contribuições indígenas e africanas do período colonial.

Novamente é no léxico que a contribuição das línguas indígenas e das línguas africanas pode ser mais facilmente notada.

**Palavras de
origem indígena**

coroca
cutucar
jururu
peteca
pipoca

**Palavras de
origem africana**

cachimbo
candango
moleque
muxoxo
quiabo

Além da contribuição para o léxico da língua portuguesa atualmente falada no Brasil, não estão muito claras quais foram as contribuições das línguas indígenas, especialmente da família linguística tupi-guarani, e das línguas africanas, especialmente do grupo banto e do iorubá.

As vias de entrada e de domínio dos portugueses na colônia foram as principais fontes da diversidade da língua. É de se salientar que durante todo o período colonial havia pouca comunicação entre os centros administrativos. Assim, nem sempre o que ocorria no norte, Macapá, Belém ou São Luís, era conhecido no Recife, em Salvador e, menos ainda, no Rio de Janeiro, em São Vicente ou em São Paulo. Via de regra, todas as rotas de viagem passavam por Lisboa. Mesmo

a partir do século XVIII, no período do ouro, a situação não é muito diferente, quando ocorre a migração açoriana para a região sul. A diversidade regional do português no Brasil, dessa maneira, condiciona-se à história demográfica da presença portuguesa no Brasil: as falas catarinense, caipira, nordestina, gaúcha, nortista, todas elas são resultado da política da metrópole que enfatizava uma ou outra região na colônia.

Norma ortográfica

O novo acordo ortográfico teve por propósito padronizar a escrita da língua portuguesa no conjunto dos países signatários, que a têm como língua oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Basicamente, a padronização envolveu a acentuação, o uso das maiúsculas e a hifenização.

Quanto à acentuação, as mudanças ocorreram no sentido de eliminar algumas das exceções de paroxítonas acentuadas. Quanto ao uso das maiúsculas, estas ficaram restritas a alguns poucos casos, como os nomes próprios, algumas siglas e abreviaturas e as iniciais de frases. Quanto à hifenização, que foi o calcanhar de aquiles do novo acordo, podemos verificar que houve uma tentativa de organização, que se excedeu no uso de expressões como “palavras consagradas” e “etc.”, deixando aberta a regra para interpretações subjetivas. No entanto, as mudanças ocorreram no sentido de se eliminar o hífen ou pela junção dos termos numa só palavras (“contrarregra”) ou pela eliminação simples do hífen (“fim de semana”).

Finalmente, o novo acordo trouxe de volta as letras K, W e Y para o nosso alfabeto.

Segue o novo acordo ortográfico na íntegra.

Acordo ortográfico da língua portuguesa (1990)

Base I

Do alfabeto e dos nomes próprios
estrangeiros e seus derivados

1.º O alfabeto da língua portuguesa é formado por 26 letras,
cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a A (á)	w W (dáblio)
b B (bê)	x X (xis)
c C (cê)	y Y (ípsilon)
d D (dê)	z Z (zê)
e E (é)	
f F (efe)	
g G (gê ou guê)	
h H (agá)	
i I (i)	
j J (jota)	
k K (capa ou cá)	
l L (ele)	
m M (eme)	
n N (ene)	
o O (ó)	
p P (pê)	
q Q (quê)	
r R (erre)	
s S (esse)	
t T (tê)	
u U (u)	
v V (vê)	

Obs.: 1 - Além destas letras, usam-se o ç (cê cedilhado) e os seguintes dígrafos: *rr* (erre duplo), *ss* (esse duplo), *ch* (cê-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u) e *qu* (quê-u).

2 - Os nomes das letras acima sugeridos não excluem outras formas de as designar.

2.º As letras *k*, *w* e *y* usam-se nos seguintes casos especiais:

a) Em antropônimos/antropônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Franklin*, *frankliniano*; *Kant*, *kantismo*, *Darwin*, *darwinismo*; *Wagner*, *wagneriano*; *Byron*, *byroniano*; *Taylor*, *taylorista*;

b) Em topônimos/topônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Kwanza*, *Kuwait*, *kuwaitiano*; *Malawi*, *malawiano*;

c) Em siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional: *TWA*, *KLM*; *K-potássio* (de *kalium*) *W-oeste* (*West*); *kg-quilograma*, *km-quilómetro*, *kW-kilowatt*, *yd-jarda* (*yard*); *Watt*.

3.º Em congruência com o número anterior, mantêm-se nos vocabúlos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*, *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersônia/jeffersônia*, de *Jefferson*; *mülleriano*, de *Müller*, *shakespeareano*, de *Shakespeare*.

Os vocabulários autorizados registrarão grafias alternativas admissíveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fúcsia/fúchsia* e derivados, *buganvília/bougainvília*).

4.º Os dígrafos finais de origem hebraica *ch*, *ph* e *th* podem conservar-se em formas onomásticas da tradição bíblica, como *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*, ou então simplificar-se: *Baruc*, *Lot*, *Moloc*, *Zif*. Se

qualquer um destes dígrafos, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José, Nazaré*, em vez de *Joseph, Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

5.º As consoantes finais grafadas *b, c, d, g e t* mantêm-se, quer sejam mudas quer proferidas nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos/antropônimos e topónimos/topônimos da tradição bíblica: *Jacob, Job, Moab, Isaac, David, Gad; Gog, Magog; Bensabat, Josafat*.

Integram-se também nesta forma: *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; *Madrid e Valladolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não; e *Calecut* ou *Calicut*, em que o *t* se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropónimos/antropônimos em apreço sejam usados sem a consoante final *Jó, Davi e Jacó*.

6.º Recomenda-se que os topónimos/topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Génève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.

Norma ortográfica

Base II

Do *h* inicial e final

1.º O *h* inicial emprega-se:

a) Por força da etimologia: *haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor*;

b) Em virtude de adoção convencional: *hã?, hem?, hum!*

2.º O *h* inicial suprime-se:

a) Quando, apesar da etimologia, a sua supressão está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal, ervanário, ervoso* (em contraste com *herbáceo, herbanário, herboso*, formas de origem erudita);

b) Quando, por via de composição, passa a interior e o elemento em que figura se aglutina ao precedente: *biebdomadário, desarmonia, desumano, exaurir, inábil, lobisomem, reabilitar, reaver*.

3.º O *h* inicial mantém-se, no entanto, quando numa palavra composta pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiénico/anti-higiênico, contra-haste, pré-história, sobre-humano*.

4.º O *h* final emprega-se em interjeições: *ah! oh!*

Base III

Da homofonia de certos grafemas consonânticos

Dada a homofonia existente entre certos grafemas consonânticos, torna-se necessário diferenciar os seus empregos, que fundamentalmente se regulam pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita os grafemas consonânticos homófonos nem sempre permite fácil diferenciação dos

casos em que se deve empregar uma letra e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, a representar o mesmo som.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1.º Distinção gráfica entre *ch* e *x*: *achar, archote, bucha, capacho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, estrebucha, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixel, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xícara.*

2.º Distinção gráfica entre *g*, com valor de fricativa palatal, e *j*: *adágio, alfaceme, Álgebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, álgido, almargem, Alvorge, Argel, estrangeiro, falange, ferrugem, frigid, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, gíria, herege, relógio, sege, Tânger, virgem; adjetivo, ajeitar, ajeru* (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), *canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, Jeová, jenipapo, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerónimo, Jesus, jiboia, jiquipanga, jiquiró, jiquitaia, jirau, jiriti, jitrana, laranjeira, lojista, majestade, majestoso, manjerico, manjeron, mucujê, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.*

3.º Distinção gráfica entre as letras *s*, *ss*, *c*, *ç* e *x*, que representam sibilantes surdas: *ânsia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, Sertã, Sernancelhe, serralheiro, Singapura, Sintra,*

sis, *tarso*, *terso*, *valsa*; *abadessa*, *acossar*, *amassar*, *arremessar*, *Asseiceira*, *asseio*, *atravessar*, *benesse*, *Cassilda*, *codesso* (identicamente *Codessal* ou *Codassal*, *Codesseda*, *Codessoso*, etc.), *crasso*, *devassar*, *dossel*, *egresso*, *endossar*, *escasso*, *fosso*, *gesso*, *molosso*, *mossa*, *obsessão*, *pêssego*, *posseio*, *remessa*, *sossegar*; *acém*, *acervo*, *alicerce*, *cebola*, *cereal*, *Cernache*, *cetim*, *Cinfães*, *Escócia*, *Macedo*, *obcecar*, *percevejo*; *açafate*, *açorda*, *açúcar*, *almaço*, *atenção*, *berço*, *Buçaco*, *caçange*, *caçula*, *caraça*, *dançar*, *Eça*, *enguiço*, *Gonçalves*, *inserção*, *linguiça*, *maçada*, *Mação*, *maçar*, *Moçambique*, *Monção*, *muçulmano*, *murça*, *negaça*, *pança*, *peça*, *quiçaba*, *quiçaça*, *quiçama*, *quiçamba*, *Seiça* (grafia que pretere as errôneas/errôneas *Ceiça* e *Ceissa*), *Seiçal*, *Suíça*, *terço*; *auxílio*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*.

4.º Distinção gráfica entre *s* de fim de sílaba (inicial ou interior) e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *adestrar*, *Calisto*, *escusar*, *esdrúxulo*, *esgotar*, *esplanada*, *esplêndido*, *espontâneo*, *espremer*, *esquisito*, *estender*, *Estremadura*, *Estremoz*, *inesgotável*; *extensão*, *explicar*, *extraordinário*, *inextricável*, *inexperto*, *sextante*, *têxtil*; *capazmente*, *infelizmente*, *velozmente*. De acordo com esta distinção convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x* = *s* muda para *s* sempre que está precedido de *i* ou *u*: *justapor*, *justalinear*, *misto*, *sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor*, *juxtalinear*, *mixto*, *sixtina*, *Sixto*;

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z*, com valor idêntico ao de *s*, em final de sílaba seguida de outra consoante (cf. *capazmente*, etc.); de contrário, o *s* toma sempre o lugar do *z*: *Biscaia*, e não *Bizcaia*;

5.º Distinção gráfica entre *s* final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fónico/fônico: *aguarrás*, *aliás*, *anis*, *após*, *atrás*, *através*, *Avis*, *Brás*, *Dinis*, *Garcês*, *gás*, *Gerês*, *Inês*, *íris*, *Jesus*, *jus*, *lápiz*, *Luís*, *país*,

português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês; cálix, Félix, Fénix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez (substantivo e forma do verbo fazer), *fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz*. A propósito, deve observar-se que é inadmissível *z* final equivalente a *s* em palavra não oxítona: *Cádis*, e não *Cádiz*.

6.º Distinção gráfica entre as letras interiores *s*, *x* e *z*, que representam sibilantes sonoras: *aceso, analisar, anestesia, artesão, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa, [Marco de] Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermesinde, Esposende, frenesi ou frenesim, frisar, guisa, improviso, jusante, liso, lousa, Lousã, Luso* (nome de lugar, homónimo/homónimo de *Luso*, nome mitológico), *Matosinhos, Meneses, Narciso, Nisa, obséquio, ousar, pesquisa, portuguesa, presa, raso, represa, Resende, sacerdotisa, Sesimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso; exalar, exemplo, exhibir, exorbitar, exuberante, inexato, inexorável; abalizado, alfazema, Arcozelo, autorizar, azar, azedo, azo, azorrague, baliza, bazar, beleza, buzina, búzio, comezinho, deslizar, deslize, Ezequiel, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, lezíria, Mouzinho, proeza, sação, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela*.

BaseIV

Das sequências consonânticas

1.º O *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção*,

friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto;

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação, acionar, afetivo, aflição, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção; adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo;*

c) Conservam-se ou eliminam-se facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *aspecto e aspeto, cacto e cato, caracteres e carateres, dicção e dição; facto e fato, sector e setor; ceptro e cetro, concepção e conceção, corrupto e corruto, recepção e receção;*

d) Quando, nas sequências interiores *m̄pc, mp̄c e m̄pt* se eliminar o *p* de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respetivamente, *nc, nç e nt*: *assumpcionista e assuncionista; assumção e assunção; assumptível e assuntível; peremptório e perentório, sumptuoso e suntuoso, sumptuosidade e suntuosidade.*

2.º Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: o *b* da sequência *bd*, em *súbdito*; o *b* da sequência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da sequência *gd*, em *amígdala, amígdalácea, amígdalar, amígdalato, amígdalite, amígdaloide, amígdalopatia, amígdalotomia*; o *m* da sequência *mn*, em *amnístia, amnistiar, indemne, indemnidade, indemnizar, omnímodo, onnipotente, omnisciente, etc.*; o *t* da sequência *tm*, em *aritmética e aritmético.*

Base V
Das vogais átonas

1.º O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u*, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) Com *e* e *i*: *ameaça, amearhar, antecipar, arrepiar, balnear, boreal, campeão, cardeal* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* = «relativo à cárdia»), *Ceará, côdea, enseada, enteadado, Floreal, janeanes, lêndea, Leonardo, Leonel, Leonor, Leopoldo, Leote, linear, meão, melhor, nomear, peanha, quase* (em vez de *quási*), *real, semear, semelhante, várzea; ameixial, Ameixeira, amial, amieiro, arrieiro, artilharia, capitânia, cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola, crânio, criar, diante, diminuir, Dinis, ferregial, Filinto, Filipe* (e identicamente *Filipa, Filipinas*, etc.), *freixial, giesta, Idanha, igual, imiscuir-se, inigualável, lampião, limiar, Lumiar, lumieiro, pátio, pior, tigela, tijolo, Vimieiro, Vimioso;*

b) Com *o* e *u*: *abolir, Alpendorada, assolar, borboleta, cobiça, consoada, consoar, costume, díscolo, êmbolo, engolir, epístola, esbaforir-se, esboroar, farândola, femoral, Freixoeira, girândola, goela, jocoso, mágoa, névoa, nódoa, óbolo, Páscoa, Pascoal, Pascoela, polir, Rodolfo, távoa, tavoada, távola, tômbola, veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *açular, água, aluvião, arcuense, assumir, bulir, camândulas, curtir, curtume, embutir, entupir, fémur/fêmur, fistula, glândula, ínsua, jucundo, légua, Luanda, lucubração, lugar, mangual, Manuel, míngua, Nicarágua, pontual, régua, tábu, tabuada, tabuleta, trégua, virtualha.*

2.º Sendo muito variadas as condições etimológicas e histórico-fonéticas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*. Há,

todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tónica/tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *-eio* e *-eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão*, *aldeola*, *aldeota* por *aldeia*; *areal*, *areiro*, *areento*, *Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *candéia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeiro* por *colmeia*; *correada* e *correame* por *correia*;

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tónica/tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea*, *ee*): *galeão*, *galeota*, *galeote*, de *galé*; *coreano*, de *Coreia*; *daomeano*, de *Daomé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleiro*, de *polé*;

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tónica/tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *-iano* e *-iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *-ano* e *-ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *-ano* e *-ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano*, *italiano*, *duriense*, *flaviense*, etc.): *açoriano*, *acriano* (de *Acre*), *camoniano*, *goisiano* (relativo a *Damião de Góis*), *sinienense* (de *Sines*), *sofocliano*, *torriano*, *torriense* [de *Torre(s)*];

d) Uniformizam-se com as terminações *-io* e *-ia* (átonas), em vez de *-eo* e *-ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cúmio* (popular), de *cume*; *hástia*, de *haste*; *réstia*, do antigo *reste*; *véstia*, de *veste*;

e) Os verbos em *-car* podem distinguir-se praticamente grande número de vezes dos verbos em *-iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *-eio* ou *-eia* (sejam formados em

português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia*; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotônicas/rizotônicas em *-eio*, *-eias*, etc.: *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semear*, etc. Existem, no entanto, verbos em *-iar*, ligados a substantivos com as terminações átonas *-ia* ou *-io*, que admitem variantes na conjugação: *negoceio* ou *negocio* (cf. *negócio*); *premeio* ou *premio* (cf. *prémio/prêmio*), etc.;

f) Não é lícito o emprego do *u* final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *mótu* (por exemplo, na expressão de *moto próprio*); *tribo*, em vez de *tríbu*;

g) Os verbos em *-oar* distinguem-se praticamente dos verbos em *-uar* pela sua conjugação nas formas rizotônicas/rizotônicas, que têm sempre *o* na sílaba acentuada: *abençoar* com *o*, como *abençoo*, *abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo*, *destoas*, etc.; mas *acentuar*, com *u*, como *acentuo*, *acentuas*, etc.

Base VI Das vogais nasais

Na representação das vogais nasais devem observar-se os seguintes preceitos:

1.º Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *Grã-Bretanha*, *lã*, *órfã*, *sã-braseiro* (forma dialetal; o mesmo que *são-brasense* = de S. Brás de Alportel); *clarim*, *tom*, *vacum*; *flautins*, *semitons*, *zunzuns*.

2.º Os vocábulos terminados em *-ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em *-mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos iniciados por *z*: *cristãmente, irmãmente, sãmente; lãzudo, maçãzita, manhãzinha, romãzeira.*

Base VII
Dos ditongos

1.º Os ditongos orais, que tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo é representado por *i* ou *u*: *ai, ei, éi, ui; au, eu, éu, iu, ou; braçais, caixote, deveis, eirado, farnéis* (mas *farnezinhos*), *goivo, goivar, lençóis* (mas *lençoizinhos*), *tafuis, uivar; cacau, cacauero, deu, endusar, ilhéu* (mas *ilheuzito*), *mediu, passou, regougar.*

Obs.: Admitem-se, todavia, excepcionalmente à parte destes dois grupos, os ditongos grafados *ae* (= *âi* ou *ai*) e *ao* (= *âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropónimos/antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha, são-caetano*, etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2.º Cumpre fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

a) É o ditongo grafado *ui*, e não a sequência vocálica grafada *ue*, que se emprega nas formas de 2.^a e 3.^a pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na da 2.^a pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-uir*: *constituís, influí, retribuí*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo grafado *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui*, etc.); e

ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas de 2.^a e 3.^a pessoas do singular do presente do indicativo e de 2.^a pessoa do singular do imperativo dos verbos em *-air* e em *-oer*: *atrais, cai, sai; móis, remói, sói*;

b) É o ditongo grafado *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *u* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais grafadas *u* e *i* se separem: *fluídico, fluidez (u-i)*;

c) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles as sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas, tais as que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo*: *áurea, áureo, calúnia, espécie, exímio, mágoa, míngua, ténue/tênue, tríduo*.

3.º Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tónicos/tônicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos representados por vogal com til e semivogal; ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m*. Eis a indicação de uns e outros:

a) Os ditongos representados por vogal com til e semivogal são quatro, considerando-se apenas a língua padrão contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos e derivados), *ão* e *õe*. Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra, zãibo; mão, mãozinha, não, quão, sótão, sotãozinho, tãe; Camões, orações, oraçõezinhas, põe, repões*. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ui*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rui* = *ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição;

b) Os ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal *m* são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

i) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

ii) *em* (tónico/tônico, ou átono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas determinadas pela posição, pela acentuação ou, simultaneamente, pela posição e pela acentuação: *bem, Bembom, Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, Benfeito, Benfica, benquisto, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens, amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convêm, mantêm, têm* (3.^{as} pessoas do plural); *armazéns, desdéns, convéns, reténs, Belenzada, vintenzinho*.

Base VIII

Da acentuação gráfica das palavras oxítonas

1.º Acentuam-se com acento agudo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas abertas grafadas *-a, -e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *está, estás, já, olá; até, é, és, olé, pontapé(s); avó(s), dominó(s), paletó(s), só(s)*.

Obs.: Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em *-e* tónico/tônico, geralmente provenientes do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: *bebé* ou *bebê, bidé* ou *bidê, canapé* ou *canapê, caraté* ou *caratê, croché* ou *crochê, guiché* ou *guichê, matiné* ou *matinê, nené* ou *nenê, ponjé* ou *ponjê, puré* ou *purê, rapé* ou *rapê*.

O mesmo se verifica com formas como *cocó* e *cocô*, *ró* (letra do alfabeto grego) e *rô*. São igualmente admitidas formas como *judô*, a par de *judo*, e *metrô*, a par de *metro*;

b) As formas verbais oxítonas, quando conjugadas com os pronomes clíticos ou *lo(s)*, *la(s)*, ficam a terminar na vogal tónica/tônica aberta grafada *-a*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *adorá-lo(s)* [de *adorar-lo(s)*], *dá-la(s)* [de *dar-la(s)* ou *dá(s)-la(s)*], *fá-lo(s)* [de *faz-lo(s)*], *fá-lo(s)-ás* [de *far-lo(s)-ás*], *habitá-la(s)-iam* [de *habitar-la(s)-iam*], *trá-la(s)-á* [de *trar-la(s)-á*];

c) As palavras oxítonas com mais de uma sílaba terminadas no ditongo nasal grafado *-em* (excepto as formas da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de *ter* e *vir*: *retêm*, *sustêm*; *advêm*, *provêm*; etc.) ou *-ens*: *acém*, *detém*, *deténs*, *entretém*, *entreténs*, *harém*, *haréns*, *porém*, *provém*, *provéns*, *também*;

d) As palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éi*, *-éu* ou *-ói*, podendo estes dois últimos ser seguidos ou não de *-s*: *anéis*, *batéis*, *fiéis*, *papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói* (de *corroer*), *herói(s)*, *remói* (de *remoer*), *sóis*.

2.º Acentuam-se com acento circunflexo:

a) As palavras oxítonas terminadas nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, seguidas ou não de *-s*: *cortês*, *dê*, *dês* (de *dar*), *lê*, *lês* (de *ler*), *português*, *você(s)*; *avô(s)*, *pôs* (de *pôr*), *robô(s)*;

b) As formas verbais oxítonas, quando conjugadas com os pronomes clíticos *-lo(s)* ou *-la(s)*, ficam a terminar nas vogais tónicas/tônicas fechadas que se grafam *-e* ou *-o*, após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas *-r*, *-s* ou *-z*: *detê-lo(s)* [de *deter-lo(s)*], *fazê-la(s)* [de *fazer-la(s)*], *fê-lo(s)* [de *fez-lo(s)*], *vê-la(s)* [de *ver-la(s)*], *compô-la(s)* [de *compor-la(s)*], *repô-la(s)* [de *repor-la(s)*], *pô-la(s)* [de *por-la(s)* ou *pôs-la(s)*].

3.º Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofónicas/heterofônicas, do tipo de *cor* (ô), substantivo, e *cor* (ó), elemento da locução *de cor*; *colher* (ê), verbo, e *colher* (é), substantivo. Excetua-se a forma verbal *pôr*, para a distinguir da preposição *por*.

Base IX

Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas

1.º As palavras paroxítonas não são em geral acentuadas graficamente: *enjoo, grave, homem, mesa, Tejo, vejo, velho, voo; avanço, floresta; abençoar, angolano, brasileiro; descobrimento, graficamente, moçambicano*.

2.º Recebem, no entanto, acento agudo:

a) As palavras paroxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em *-l, -n, -r, -x* e *-ps*, assim como, salvo raras exceções, as respetivas formas do plural, algumas das quais passam a proparoxítonas: *amável* (pl. *amáveis*), *Aníbal, dócil* (pl. *dóceis*), *dúctil* (pl. *dúcteis*), *fóssil* (pl. *fósseis*), *réptil* (pl. *répteis*; var. *reptil*, pl. *reptis*); *cármem* (pl. *cármenes* ou *carmens*; var. *carne*, pl. *carmes*); *dólmen* (pl. *dólmenes* ou *dolmens*), *éden* (pl. *édenes* ou *edens*), *líquen* (pl.7 *líquenes*), *lúmen* (pl. *lúmenes* ou *lumens*); *açúcar* (pl. *açúcares*), *almíscar* (pl. *almíscares*), *cadáver* (pl. *cadáveres*), *caráter* ou *carácter* (mas pl. *carateres* ou *caracteres*), *ímpar* (pl. *ímpares*); *Ajax, córtex* (pl. *córtex*; var. *córtice*, pl. *córtices*), *índice* (pl. *índice*; var. *índice*, pl. *índices*), *tórax* (pl.9 *tórax* ou *tóraxes*; var. *torace*, pl. *toraces*); *bíceps* (pl. *bíceps*; var. *bicípite*, pl. *bicípites*), *fórceps* (pl. *fórceps*; var. *fórcepe*, pl. *fórcepes*).

Obs.: Muito poucas palavras deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas

m e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua e, por conseguinte, também de acento gráfico (agudo ou circunflexo): *sémen* e *sêmen*, *xénon* e *xênon*; *fémur* e *fêmur*, *vómer* e *vômer*, *Fénix* e *Fênix*, *ónix* e *ônix*;

b) As palavras paroxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a*, *e*, *o* e ainda *i* ou *u* e que terminam em -*ã(s)*, -*ão(s)*, -*ei(s)*, -*i(s)*, -*um*, -*uns*, ou -*us*: *órfã* (pl. *órfãs*), *acórdão* (pl. *acórdãos*), *órfão* (pl. *órfãos*), *órgão* (pl. *órgãos*), *sótão* (pl. *sótãos*); *hóquei*, *jóquei* (pl. *jóqueis*), *amáveis* (pl. de *amável*), *fáceis* (pl. de *fácil*), *fósseis* (pl. de *fóssil*), *amáreis* (de *amar*), *amáveis* (id.), *cantáreis* (de *cantar*), *fizéreis* (de *fazer*), *fizésseis* (id.); *beribéri* (pl. *beribéris*), *bílis* (sg. e pl.), *íris* (sg. e pl.), *júri* (pl. *júris*), *oásis* (sg. e pl.); *álbum* (pl. *álbuns*), *fórum* (pl. *fórums*); *húmus* (sg. e pl.), *vírus* (sg. e pl.).

Obs.: Muito poucas paroxítonas deste tipo, com as vogais tónicas/tônicas grafadas *e* e *o* em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas *m* e *n*, apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: *pónei* e *pônei*; *gónis* e *gônis*, *pénis* e *pênis*, *ténis* e *tênis*; *bónus* e *bônus*, *ónus* e *ônus*, *tónus* e *tônus*, *Vénus* e *Vênus*.

3.º Não se acentuam graficamente os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tónica/tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, *tal como aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), *tal como apoio* (subst.), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (subst.), *tal como comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

4.º É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo *amámos*, *louvámos*, para as

distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tónica/tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português.

5.º Recebem acento circunflexo:

a) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tónica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-l, -n, -r* ou *-x*, assim como as respetivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: *cônsul* (pl. *cônsules*), *þênsil* (pl. *þênséis*), *têxtil* (pl. *têxteis*); *cânon*, var. *cânone* (pl. *cânones*), *þlâncton* (pl. *þlânctons*); *Almodôvar, aljôfar* (pl. *aljôfares*), *âmbar* (pl. *âmbares*), *Câncer, Tânger*; *bômbax* (sg. e pl.), *bômbix*, var. *bômbice* (pl. *bômbices*);

b) As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tónica/tônica, as vogais fechadas com a grafia *a, e, o* e que terminam em *-ão(s), -eis, -i(s)* ou *-us*: *bêncão(s), côvão(s), Estêvão, zângão(s); devêreis* (de *dever*), *escrevêsseis* (de *escrever*), *fôreis* (de *ser e ir*), *fôsseis* (id.), *þênséis* (pl. de *þênsil*), *têxteis* (pl. de *têxtil*); *dândi(s), Mênfis; ânus*;

c) As formas verbais *têm* e *vêm*, 3.^{as} pessoas do plural do presente do indicativo de *ter* e *vir*, que são foneticamente paroxítonas (respetivamente /tãjãj/, /vãjãj/ ou /tÉÉj/, /vÉÉj/, ou ainda /tÉjÉj/, /vÉjÉj/; cf. as antigas grafias preteridas, *tÉem, vÉem*), a fim de distinguirem de *tem* e *vem*, 3.^{as} pessoas do singular do presente do indicativo ou 2.^{as} pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: *abstêm* (cf. *abstém*), *advêm* (cf. *advém*), *contêm* (cf. *contém*), *convêm* (cf. *convém*), *desconvêm* (cf. *desconvém*), *detêm* (cf. *detém*), *entretêm* (cf. *entretém*), *intervêm* (cf. *intervém*), *mantêm* (cf. *mantém*), *obtêm* (cf. *obtém*), *þrovêm* (cf. *þrovém*), *sobrevêm* (cf. *sobrevém*).

Obs.: Também neste caso são preteridas as antigas grafias *detÉem, intervÉem, mantÉem, þrovÉem*, etc.

6.º Assinalam-se com acento circunflexo:

a) Obrigatoriamente, *pôde* (3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (*pode*);

b) Facultativamente, *dêmos* (1.ª pessoa do plural do presente do conjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (*demos*); *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2.ª pessoa do singular do imperativo do verbo *formar*).

7.º Prescinde-se de acento circunflexo nas formas verbais paroxítonas que contêm um e tônico/tônica oral fechado em hiato com a terminação *-em* da 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do conjuntivo, conforme os casos: *creem*, *deem* (conj.), *descreem*, *desdeem* (conj.), *leem*, *preveem*, *redeem* (conj.), *releem*, *reveem*, *tresleem*, *veem*.

8.º Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tónica/tônica fechada com a grafia *o* em palavras paroxítonas como *enjoo*, substantivo e flexão de *enjoar*, *poovo*, flexão de *poovar*, *voo*, substantivo e flexão de *voar*, etc.

9.º Prescinde-se, quer do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir palavras paroxítonas que, tendo respetivamente vogal tónica/tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: *para* (á), flexão de *parar*, e *para*, preposição; *pela(s)* (é), substantivo e flexão de *pelar*, e *pela(s)*, combinação de *per* e *la(s)*; *pelo* (é), flexão de *pelar*, e *pelo(s)* (ê), substantivo ou combinação de *per* e *lo(s)*; *polo(s)* (ó), substantivo, e *polo(s)*, combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*; etc.

10.º Prescinde-se igualmente de acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterofónicas/heterofônicas do tipo de *acerto*

(ê), substantivo e *acerto* (é), flexão de *acertar*; *acordo* (ô), substantivo, e *acordo* (ó), flexão de *acordar*; *cerca* (ê), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (é), flexão de *cercar*; *coro* (ô), substantivo, e *coro* (ó), flexão de *corar*; *deste* (ê), contração da preposição *de* com o demonstrativo *este*, e *deste* (é), flexão de *dar*; *fora* (ô), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (ó), advérbio, interjeição e substantivo; *piloto* (ô), substantivo, e *piloto* (ó), flexão de *pilotar*, etc.

Base X

Da acentuação das vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas

1.º As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas levam acento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo e desde que não constituam sílaba com a eventual consoante seguinte, excetuando o caso de *s*: *adaís* (pl. de *adail*), *aí*, *atraí* (de *atrair*), *baú*, *caís* (de *cair*), *Esaú*, *jacuí*, *Luís*, *país*, etc.; *alaúde*, *amiúde*, *Araújo*, *Ataíde*, *atraíam* (de *atrair*), *atraísse* (id.), *baía*, *balaústre*, *caféina*, *ciúme*, *egoísmo*, *faísca*, *faúlha*, *graúdo*, *influíste* (de *influir*), *juízes*, *Luísa*, *miúdo*, *paraíso*, *raízes*, *recaída*, *ruína*, *saída*, *sanduíche*, etc.

2.º As vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo quando, antecedidas de vogal com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de *nh*, *l*, *m*, *n*, *r* e *z*: *bainha*, *moinho*, *rainha*; *adail*, *paul*, *Raul*; *Aboim*, *Coimbra*, *ruim*; *ainda*, *constituínte*, *oriundo*, *ruins*, *triunfo*; *atrair*, *demiurgo*, *influir*, *influirmos*, *juiz*, *raiz*, etc.

3.º Em conformidade com as regras anteriores leva acento agudo a vogal tónica/tônica grafada *i* das formas oxítonas terminadas em *r*

dos verbos em *-air* e *-uir*, quando estas se combinam com as formas pronominais clíticas *-lo(s)*, *-la(s)*, que levam à assimilação e perda daquele *-r*: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*]; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*]; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

4.º Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras paroxítonas, quando elas estão precedidas de ditongo: *baiuca*, *boiuno*, *cauila* (var. *cauira*), *cheinho* (de *cheio*), *saiinha* (de *saia*).

5.º Levam, porém, acento agudo as vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* quando, precedidas de ditongo, pertencem a palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de *s*: *Piauí*, *teiú*, *teiús*, *tuiuíú*, *tuiuíús*.

Obs.: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais dispensam o acento agudo: *cauim*.

6.º Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tónicos/tônicos grafados *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *distraiu*, *instruiu*, *pauis* (pl. de *paul*).

7.º Os verbos *arguir* e *redarguir* prescindem do acento agudo na vogal tónica/tônica grafada *u* nas formas rizotónicas/rizotônicas: *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua*, *arguas*, *argua*, *arguam*. Os verbos do tipo de *aguar*, *apaniguar*, *apaziguar*, *apropinuar*, *averiguar*, *desaguar*, *enxaguar*, *obliquar*, *delinquir* e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas igualmente acentuadas no *u* mas sem marca gráfica (a exemplo de *averiguo*, *averiguas*, *averigua*, *averiguam*; *averigue*, *averigues*, *averigue*, *averiguem*; *enxaguo*, *enxaguas*, *enxagua*, *enxaguam*; *enxague*, *enxagues*, *enxague*, *enxaguem*,

etc.; *delinquo, delinquis, delinqui, delinquem*; mas *delinquimos, delinquís*) ou têm as formas rizotônicas/rizotônicas acentuadas fônica/fônica e graficamente nas vogais *a* ou *i* radicais (a exemplo de *averíquo, averíguas, averígua, averíguam; averígue, averígues, averígue, averíguem; enxáquo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxáque, enxáques, enxáque, enxáquem; delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínqua, delínquam*).

Obs.: Em conexão com os casos acima referidos, registre-se que os verbos em *-ingir* (*atingir, cingir, constringir, infringir, tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem prolação do *u* (*distinguir*,

Base XI

Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas

1.º Levam acento agudo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i, u* ou ditongo oral começado por vogal aberta: *árabe, cáustico, Cleópatra, esqualido, exército, hidráulico, líquido, míope, músico, plástico, prosélito, público, rústico, tétrico, último*;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tónica/tônica as vogais abertas grafadas *a, e, o* e ainda *i, u* ou ditongo oral começado por vogal aberta, e que terminam por sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes (*-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -uo*, etc.): *álea, náusea; etéreo, nível; enciclopédia, glória; barbárie, série; lírio, prégio; mágoa, nódoa; exígua, língua; exíguo, vácuo*.

2.º Levam acento circunflexo:

a) As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tónica/tônica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: *anacronístico*,

brêtema, cânfora, cômputo, devêramos (de dever), dinâmico, êmbolo, excêntrico, fôssemos (de ser e ir), Grândola, hermenêutica, lâmpada, lôstrego, lôbrego, nêspêra, plêiade, sôfrego, sonâmbulo, trôpego;

b) As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tónica/tônica e terminam por sequências vocálicas pós-tónicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes: *amêndoa, argênteo, côdea, Islândia, Mântua, serôdio.*

3.º Levam acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tónicas/tônicas grafadas *e* ou *o* estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas *m* ou *n*, conforme o seu timbre é, respectivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: *académico/acadêmico, anatômico/anatômico, cénico/cênico, cómodo/cômodo, fenómeno/fenômeno, género/gênero, topónimo/topônimo; Amazónia/Amazônia, António/Antônio, blasfémia/blasfêmia, fêmea/fêmea, gémeo/gêmeo, génio/gênio, ténue/tênue.*

Base XII

Do emprego do acento grave

1.º Emprega-se o acento grave:

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*);

b) Na contração da preposição *a* com os demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s), àquela(s), àquilo; àqueloutro(s), àqueloutra(s).*

Base XIII

Da supressão dos acentos em palavras derivadas

1.º Nos advérbios em *-mente*, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hâbil*), *ingenuamente* (de *ingênuo*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tónica/tônica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizito* (de *herói*), *ilhezito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzito* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençõzinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

Base XIV

Do trema

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aportuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: *saudade*, e não *saüdade*, ainda que tetrassílabo; *saudar*, e não *saüdar*, ainda que trissílabo; etc.

Em virtude desta supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um *i* ou um *u* de uma vogal da sílaba

anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um *i* ou um *u* de um ditongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tônica/tônica ou átona, o *u* de *gu* ou de *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar, constituiria, depoimento, esmiuçar, faiscar, faulhar, oleicultura, paraibano, reunião; abaiucado, auiqui, caiuí, cauxi, piauiense; aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue* (ou *bilingue*), *lingueta, linguista, linguístico; cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade.*

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a base I, 3.º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

Base XV

Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos
vocabulares

1.º Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, luso-brasileiro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, primo-infeção, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva.*

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: *girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista*, etc.

2.º Emprega-se o hífen nos topónimos/topônimos compostos iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou cujos elementos estejam ligados por artigo: *Grã-Bretanha*, *Grão-Pará*; *Abre-Campo*; *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Quebra-Dentes*, *Traga-Mouros*, *Trinca-Fortes*; *Albergaria-a-Velha*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Obs.: Os outros topónimos/topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: *América do Sul*, *Belo Horizonte*, *Cabo Verde*, *Castelo Branco*, *Freixo de Espada à Cinta*, etc. O topónimo/topônimo *Guiné-Bissau* é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

3.º Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *couve-flor*, *erva-doce*, *feijão-verde*; *bênção-de-deus*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *fava-de-santo-inácio*; *bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à *margarida* e ao *malmequer*); *andorinha-grande*, *cobra-capelo*, *formiga-branca*; *andorinha-do-mar*, *cobra-d'água*, *lesma-de-conchinha*; *bem-te-vi* (nome de um pássaro).

4.º Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios *bem* e *mal*, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou *h*. No entanto, o advérbio *bem*, ao contrário de *mal*, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: *bem-aventurado*, *bem-estar*, *bem-humorado*; *mal-afortunado*, *mal-estar*, *mal-humorado*; *bem-criado* (cf. *malcriado*), *bem-ditoso* (cf. *malditoso*), *bem-falante* (cf. *malfalante*), *bem-mandado* (cf. *malmandado*), *bem-nascido* (cf. *malnascido*), *bem-soante* (cf. *malsoante*), *bem-visto* (cf. *malvisto*).

Obs.: Em muitos compostos o advérbio bem aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: *benfazejo*, *benfeito*, *benfeitor*, *benquerença*, etc.

5.º Emprega-se o hífen nos compostos com os elementos *além*, *aquém*, *recém* e *sem*: *além-Atlântico*, *além-mar*, *além-fronteiras*; *aquém-mar*, *aquém-Pirenéus*; *recém-casado*, *recém-nascido*; *sem-cerimônia*, *sem-número*, *sem-vergonha*.

6.º Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

- a) Substantivas: *cão de guarda*, *fim de semana*, *sala de jantar*;
- b) Adjetivas: *cor de açafão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho*;
- c) Pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *quem quer que seja*;
- d) Adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*), *à vontade*, *de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; note-se *demais*, advérbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por isso*;
- e) Prepositivas: *abaixo de*, *acerca de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *aquando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;
- f) Conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *por conseguinte*, *visto que*.

7.º Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocábulos,

mas encadeamentos vocabulares (tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*) e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de topónimos/topônimos (tipo: *Áustria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.).

Base XVI

Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação

1.º Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-*, *anti-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pós-*, *pré-*, *pró-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-*, *ultra-*, etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autónomos ou falsos prefixos, de origem grega e latina (tais como: *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *auto-*, *bio-*, *eletro-*, *geo-*, *hidro-*, *inter-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *mini-*, *multi-*, *neo-*, *pan-*, *pluri-*, *proto-*, *pseudo-*, *retro-*, *semi-*, *tele-*, etc.), só se emprega o hífen nos seguintes casos:

a) Nas formações em que o segundo elemento começa por *h*: *anti-higiénico/anti-higiênico*, *circum-hospitalar*, *co-herdeiro*, *contra-harmónico/contra-harmônico*, *extra-humano*, *pré-história*, *sub-hepático*, *super-homem*, *ultra-hiperbólico*; *arqui-hipérbole*, *eletro-higrómetro*, *geo-história*, *neo-helénico/neo-helênico*, *pan-helenismo*, *semi-hospitalar*.

Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos *des-* e *in-* e nas quais o segundo elemento perdeu o *h* inicial: *desumano*, *desumidificar*, *inábil*, *inumano*, etc.;

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento: *anti-ibérico*, *contra-almirante*, *infra-axilar*, *supra-auricular*; *arqui-irmandade*, *auto-observação*, *eletro-ótica*, *micro-onda*, *semi-interno*.

Obs.: Nas formações com o prefixo *co-*, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por *o*: *coobrigação*, *coocupante*, *coordenar*, *cooperação*, *cooperar*, etc.;

c) Nas formações com os prefixos *circum-* e *pan-*, quando o segundo elemento começa por vogal, *m* ou *n* [além de *h*, caso já considerado atrás na alínea a)]: *circum-escolar*, *circum-murado*, *circum-navegação*; *pan-africano*, *pan-mágico*, *pan-negritude*;

d) Nas formações com os prefixos *hiper-*, *inter-* e *super-*, quando combinados com elementos iniciados por *r*: *hiper-requintado*, *inter-resistente*, *super-revista*;

e) Nas formações com os prefixos *ex-* (com o sentido de estado anterior ou cessamento), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-hospedeira*, *ex-presidente*, *ex-primeiro-ministro*, *ex-rei*; *sota-piloto*, *soto-mestre*, *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*;

f) Nas formações com os prefixos tónicos/tônicos acentuados graficamente *pós-*, *pré-* e *pró-*, quando o segundo elemento tem vida à parte (ao contrário do que acontece com as correspondentes formas átonas que se aglutinam com o elemento seguinte): *pós-graduação*, *pós-tónico/pós-tônico* (mas *pospor*); *pré-escolar*, *pré-natal* (mas *prever*); *pró-africano*, *pró-europeu* (mas *promover*).

2.º Não se emprega, pois, o hífen:

a) Nas formações em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática aliás já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico. Assim: *antirreligioso*, *antissemita*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *extrarregular*, *infrassom*, *minissaia*, *tal como biorritmo*, *biossatélite*, *eletrossiderurgia*, *microssistema*, *microrradiografia*;

b) Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos.

Assim: *antiaéreo, coeducação, extraescolar, aeroespacial, autoestrada, autoaprendizagem, agroindustrial, hidroelétrico, plurianual.*

3.º Nas formações por sufixação apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu* e *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

Base XVII

Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo *haver*

1.º Emprega-se o hífen na ênclise e na tmese: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.º Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, há de, hão de*, etc.

Obs.: 1 - Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*. Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas.

2 - Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo, vo-las*, quando em próclise (por exemplo: *esperamos que no-lo comprem*).

Base XVIII
Do apóstrofo

1.º São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

a) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respetiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d' Os Lusíadas*, *d' Os Sertões*; *n' Os Lusíadas*, *n' Os Sertões*; *pel' Os Lusíadas*, *pel' Os Sertões*. Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas*, *em Os Lusíadas*, *por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: *a A Relíquia*, *a Os Lusíadas* (exemplos: *importância atribuída a A Relíquia*; *recorro a Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à*, *a Os = aos*, etc.;

b) Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respetiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele*, *n'Ele*, *d'Aquele*, *n'Aquele*, *d'O*, *n'O*, *pel'O*, *m'O*, *t'O*, *lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela*, *n'Ela*, *d'Aquela*, *n'Aquela*, *d'A*, *n'A*, *pel'A*, *m'A*, *t'A*, *lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *confiamos n'O que nos salvou*; *esse milagre revelou-m'O*; *está n'Ela a nossa esperança*; *pugnemos pel'A que é nossa padroeira*.

À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se graficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a*

O, a Aquele, a Aquela (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O = ao, a Aquela = àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *a O que tudo pode, a Aquela que nos protege*;

c) Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiolégio, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana, Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana; culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste género, como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórficas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba; Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém*.

Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares, Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana, Nuno Álvares, Pedro Álvares*, etc.;

d) Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certos compostos, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com os substantivos: *borda-d'água, cobra-d'água, copo-d'água, estrela-d'alva, galinha-d'água, mãe-d'água, pau-d'água, pau-d'alho, pau-d'arco, pau-d'óleo*.

2.º São os seguintes os casos em que não se usa o apóstrofo:

Não é admissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais [exceptuando o que se estabelece em 1.º,a), e 1.º,b)]. Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i) *do, da, dos, das; dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disso; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destoutros, destoutras; dessoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui; daí; dali; dacolá; donde; dantes* (= antigamente);

ii) *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nessa, nesses, nessas, nisso; naquele, naquela, naqueles, naquelas, naquilo; nestoutro, nestoutra, nestoutros, nestoutras; nessoutro, nessoutra, nessoutros, nessoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma, nalguns, nalgumas, nalgúem;*

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalgúem, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de aquém ou daquéim; de além ou dalém; de entre ou dentre.*

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

Obs.: Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os, as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontece estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo, nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender; apesar de o não ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; o facto de o conhecer; por causa de aqui estares.*

Base XIX

Das minúsculas e maiúsculas

1.º A letra minúscula inicial é usada:

- a) Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes;
- b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira; outubro; primavera;*
- c) Nos bibliónimos/bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *O Senhor do Paço de Ninães, O senhor do paço de Ninães, Menino de Engenho* ou *Menino de engenho, Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor;*
- d) Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano;*
- e) Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas): *norte, sul* (mas: *SW sudoeste*);
- f) Nos axiónimos/axiônimos e hagiónimos/hagiônimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo; santa Filomena* (ou *Santa Filomena*);
- g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*).

2.º A letra maiúscula inicial é usada:

- a) Nos antropónimos/antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques; Branca de Neve, D. Quixote;*
- b) Nos topónimos/topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria;*

- c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor*; *Neptuno/Netuno*;
- d) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*;
- e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal*, *Páscoa*, *Ramadao*, *Todos os Santos*;
- f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Primeiro de Janeiro*, *O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*);
- g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático;
- h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO*, *NATO*, *ONU*; *H₂O*; *Sr.*, *V. Ex.^a*;
- i) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos (*rua* ou *Rua da Liberdade*, *largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim*, *templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura*, *edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, providas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras reconhecidas internacionalmente.

Base XX
Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de, bruma, ca-cho, lha-no, ma-lha, ma-nha, má-xi-mo, ó-xi-do, ro-xo, tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar, bi-sa-vô, de-sa-pa-re-cer, di-sú-ri-co, e-xâ-ni-me, hi-pe-ra-cú-sti-co, i-ná-bil, o-bo-val, su-bo-cu-lar, su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1.º São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou seja (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b* ou *d*: *ab-legação, ad-ligar, sub-lunar*, etc., em vez de *a-blegação, a-dligar, su-blunar*, etc.) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma velar, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-blução, cele-brar, du-plicação, re-primir, a-clamar, de-creto, de-glutição, re-grado; a-tlético, cáte-dra, períme-tro; a-fluir, a-fricano, ne-vrose*.

2.º São divisíveis no interior da palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de *m* ou *n*, com valor de nasalidade, e uma consoante: *ab-dicar, Ed-gardo, op-tar, sub-por, ab-soluto, ad-jetivo, af-ta, bet-samita, íp-silon, ob-viar, des-cer, dis-ciplina, flores-cer, nas-cer, res-cisão; ac-ne, ad-mirável, Daf-ne, diafrag-ma, drac-ma, ét-nico, rit-mo, sub-meter, am-nésico, interam-nense; bir-reme, cor-roer, pror-rogar, as-segurar, bis-secular, sos-segar, bissex-to, contex-to, ex-citar, atroz-mente, capaz-mente; infeliz-mente; am-biçãõ, desen-ganar, en-xame, man-chu, Mân-lio*, etc.

3.º As sucessões de mais de duas consoantes ou de *m* ou *n*, com o valor de nasalidade, e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1.º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos dos dois casos: *cam-braia*, *et-clipse*, *emblema*, *ex-plicar*, *in-cluir*, *ins-crição*, *subs-crever*, *trans-gredir*, *abs-tenção*, *disp-neia*, *inters-telar*, *lamb-dacismo*, *sols-ticial*, *Terp-sícore*, *tungs-ténio*.

4.º As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-roso*, *cadei-ra*, *insti-tui*, *ora-ção*, *sacris-tães*, *traves-sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala-úde*, *áre-as*, *ca-apeba*, *co-or-denar*, *do-er*, *flu-idez*, *perdo-as*, *vo-os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai-ais*, *cai-eis*, *ensai-os*, *flu-iu*.

5.º Os digramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne-gue*, *ne-guei*; *pe-que*, *pe-quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *á-gua*, *ambí-guo*, *averi-gueis*, *longín-quos*, *lo-quaz*, *quais-quer*.

6.º Na translineação de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, deve, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex- -alferes*, *serená- -los-emos* ou *serená-los- -emos*, *vice- -almirante*.

Norma ortográfica

Base XXI

Das assinaturas e firmas

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registo legal, adote na assinatura do seu nome. Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registo público.

Estrutura e formação de palavras

As palavras da língua portuguesa formam-se a partir de junção de elementos menores a uma base historicamente determinada. Assim, podemos verificar que palavras como *jardineiro* e *jardinagem* são formas derivadas de uma mesma forma básica *jardim*; no primeiro caso acrescentou-se-lhe *-eiro* e no segundo, *-agem*. Na maioria das vezes, alguns ajustes fonéticos são necessários, como foi o caso da variação das letras *m* e *n*, bem como de seus valores sonoros correspondentes. Algumas vezes o acréscimo ocorre antes da base historicamente determinada: *fazer* e *desfazer*, por exemplo. Dessa maneira podemos distinguir três elementos principais na formação das palavras: o radical — base a partir da qual se forma a palavra — o prefixo — elemento que se acrescenta antes do radical — e o sufixo — elemento que se acrescenta depois do radical. Alguns dos ajustes podem ser acréscimos de letras e valores sonoros correspondentes, estabelecendo elementos de ligação. É o caso de *agressividade*, que tem como forma básica a palavra *agressivo*. A essa forma acrescentou-se *-dade*. Houve necessidade de ajustes, que nesse caso foi a inserção de uma vogal de ligação *-i*. Compare-se, por exemplo, com *igualdade*, em que apenas se acrescentou *-dade* à base *igual*.

Derivação

Os prefixos disponíveis para os falantes da língua portuguesa formarem novas palavras têm origem diversa. Abaixo segue uma

lista com alguns desses prefixos separados por sua origem grega ou latina:

Latinos

ante-: antebraço, anteontem
contra-: contra-indicação, contraprova
anfi-: anfiteatro,
circum-: circundar, circunavegar
des-: desusar, desfazer, descarregar
de-: decompor, depenar
ex-: expatriar, expor
in-, i-: inútil, ilegal
entre-, inter-: entrever, interpor
intro-: intrometer, introspectivo
pre-: predizer, predispor
re-: reassumir, reviver
ultra-: ultrapassar, ultravioleta
sub-: subnutrido, subdelegado
sobre-, super-, supra-: sobreposto, supersônico, supranacional
retro-: retroagir, retrovisor

Gregos

a-, an-: acéfalo, anônimo, atrofia
ana-: anacrônico, anagrama
anti-: antialcoólico, antibiótico
arqui-, arce-: arquiinimigo, arcebispo
dis-: dislalia, disfunção
endo-: endogenia, endovenoso
epi-: epiderme, epicentro
eu-: eufonia, eulalia,
hemi-: hemiplégico, hemisférico
hiper-: hipertensão, hipertrofia
hipó-: hipoglicemia, hipotrofia
sin-: sinônimo, sincrônico

Os sufixos disponíveis da língua portuguesa apresentam-se em muito maior número do que os prefixos. São responsáveis não só pela criação de novas palavras, mas também pela possibilidade de variação de classe gramatical bem como pela coesão sintática de conjuntos de palavras. Dessa maneira, a sufixação atua também em processos gramaticais obrigatórios que diferem da derivação ou formação de palavras; chamam-se *flexões*. Assim, temos de caracterizar os sufixos como *derivacionais* ou *flexionais*.

Sufixos derivacionais podem alterar a classe gramatical das palavras, isto é, a partir de uma base, por exemplo, substantiva, pode se formar um adjetivo. É o caso de *cabeludo*, adjetivo formado a partir de *cabelo*, que é substantivo, pelo acréscimo de *--udo*; *carnavalesco*, adjetivo formado a partir do substantivo *carnaval*, pelo acréscimo de *-esco*.

subst. > subst.	adj. > subst.	verbo > subst.	subst. > adj.	adj. >
- aria livro > livraria pirata > pirataria	- ia valente > valentia alegre > alegria	- mento ornar > ornamento pensar > pensamento	- oso, -osa rígido > rigoroso leite > leitosa	- ável, desejar remover
- io mulher > mulherio poder > poderio	- ez, -eza surdo > surdez puro > pureza	- ção nomear > nomeação coroar > coroação	- udo ponta > pontudo sorte > sortudo	- dour beber > vir > v
- agem folha > folhagem língua > linguagem	- ice menino > meninice tolo > tolice	- dor regar > regador roer > roedor	- ano Peru > peruano Camões > camoniano	- tório inibir > derivar
- al banana > bananal lama > lamaçal	- dão manso > mansidão podre > podridão	- tório purgar > purgatório orar > oratório	- ento sede > sedento peçonha > peçonhento	- ço meter > assustar
- ada bico > bicada papel > papelada	- dade mal > maldade legal > legalidade	- ante, - ente, -inte pedir > pedinte combater > combaterite	- engo mulher > mulherengo verde > verdolengo	- io regar > achar >
- ugem pena > penugem lã > lanugem	- ura branco > brancura doce > doçura	- ência obedecer > obediência reger > regência	- aico prosa > prosaico judeu > judaico	- ivo pensar lucrar >

Sufixos que se reportam à flexão das palavras envolvem especialmente as noções de gênero e de número. A formação mais regular do gênero feminino é a substituição da vogal átona final pelo sufixo *-a* às palavras, como em *menino/menina*, *gato/gata*, *mestre/mestra* ou o acréscimo desse sufixo: *professor/professora*, *doutor/doutora* etc.; e a formação mais regular do plural é o acréscimo do sufixo *-s* às palavras terminadas em vogal e *-es* às palavras terminadas em consoante, como em *menino/meninos*, *gato/gatos*, *mestra/mestras*, *lugar/lugares*, *mês/meses*, *dor/dores* etc. No entanto, as exceções a esses casos são muito numerosas, como se verá mais adiante.

A variação de gênero

Há palavras que não comportam qualquer variação de gênero: *amante*, *seguinte*, *cliente*, *ouvinte*, *inocente* etc.; diz-se que são de dois gêneros:

masculino	feminino
o amante	a amante
o cliente	a cliente
o homem inocente	a mulher inocente
o número seguinte	a posição seguinte
o colega	a colega
o motorista	a motorista
o consorte	a consorte

Há algumas poucas palavras em que essa variação pode ocorrer ou não:

masculino	feminino
o presidente	a presidentea presidenta
o parente	a parentea parente

Há diversas formas para se marcar o gênero:

masculino

-**ão**: mandão, babão, chorão
chorona

-**ão**: irmão, ancião, alemão

-**ão**: leão, leitão, pavão

ladrão

perdigão

-**tor**, -**dor**: ator, imperador

-**eu**: hebreu, pigmeu

-**eu**: judeu, sandeu

pai

compadre

patriarca

príncipe

barão

avô

feminino

-**ona**: mandona, babona,

-**ã**: irmã, anciã, alemã

-**oa**: leoa, leitoa, pavo

ladra

perdiz

-**triz**: atriz imperatriz

-**eia**: hebreia, pigmeia

-**ia**: judia, sandia

mãe

comadre

matriarca

princesa

baronesa

avó

Como se pode notar, apesar de algumas pretensas regularidades, não se pode estabelecer uma regra geral para a marcação do gênero feminino; isto é, da mesma maneira que o feminino das formas masculinas em *-ão*, pode ser *-ona*, *-ã* e *-oa*, ocorre o feminino *baronesa* para o masculino *barão*, de forma semelhante a *princesa* para *príncipe*. Também as formas *pai* e *mãe* parecem ter alguma relação com *compadre* e *comadre* bem como com *patriarca* e *matriarca*, mas essa relação é histórica e somente o estudo etimológico poderá elucidá-la. Assim, preconiza-se que para conhecer as formas variantes do masculino e do feminino consulte-se o dicionário, prática aliás bastante recomendável.

A variação de número

As marcas sufixais da variação de número também não podem ser abarcadas por uma regra geral que dê conta de todas as possibilidades. Há algumas tendências, no entanto:

singular

-ão: sabão, mamão, limão

-ão: mão, órfão, irmão

-ão: alemão, pão, tabelião

-ão: aldeão, verão

-ão: ancião, ermitão, sultão

-al, -el, -el (tôn.), **-ol, -ul**: pombal,

túnel, papel, anzol, azul

-il (tôn.), **-il**: funil, fóssil

-as, -es, -is, -us (átomos): atlas,
pires, lápis, ônus, vírus

plural

-ões: sabões, mamões, limões

-ãos: mãos, órfãos, irmãos

-ães: alemães, pães, tabeliães

-ões, -ãos: aldeões, aldeães; verões,
verãos

-ões, -ãos, -ões: anciões, anciãos,
anciães; ermitões, ermitãos, ermitães;
sultões, sultãos, sultães

-ais, -eis, -éis, -óis, -uis:

pombais, túneis, papéis, anzóis, azuis

-is, -eis: funis, fósseis

não mudam: os atlas, os pires, os lápis,
os ônus, os vírus

Algumas palavras ocorrem apenas no plural, como *afazeres*, *exéquias*, *arredores*, *trevas*, *núpcias*, *anais*, *belas-letras*, *belas-artes*, *férias*.

Algumas palavras mudam de classe gramatical quando são pluralizadas: *féria* é o rendimento do dia, *férias* são o período de descanso anual dos trabalhadores e dos estudantes; *bem* é produto de uma boa ação, *bens* são as propriedades de uma pessoa.

Alguns plurais de nomes estrangeiros são realizados como na sua língua de origem:

Waldemar Ferreira Netto

campus > *campi* do latim

corpus > *corpora* do latim

curriculum > *curricula* do latim

topos > *topoi* do grego

lady > *ladies* do inglês

Algumas formas derivadas com o sufixo diminutivo *-zinho* mantêm o plural de sua forma básica no radical:

pão, pães > pãezinhos

flor, flores > florezinhas

papel, papéis > papezinhos

bar, bares > barezinhos

Formas usuais como *barzinhos*, *colherzinhas*, *florzinhas* e outras devem ser evitadas em textos escritos.

Classes de palavras

Substantivo

Além de sua composição interna, as palavras podem ser compreendidas por meio da relação que estabelecem umas com as outras no processo de construção frasal. As palavras distribuem-se em classes gramaticais, variáveis e invariáveis. Classes gramaticais variáveis são as que exigem que sua forma básica seja flexionada em gênero e número, por exemplo; classes gramaticais invariáveis não têm variação obrigatória. São os advérbios, as preposições e as conjunções. As classes gramaticais da língua portuguesa são: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, conjunção e preposição.

As classes gramaticais de palavra que exigem flexão de gênero e número são: o substantivo, o adjetivo, o numeral, o artigo e o pronome. A classe gramatical que exige flexão de pessoa, tempo, modo, aspecto e voz é o verbo.

Uma das características da construção frasal na língua portuguesa é um fenômeno gramatical chamado concordância. A concordância estabelece que certos grupos de palavras recebam a mesma marcação de gênero e número. A partir do gênero intrínseco dos substantivos, definido tanto pela sua forma básica quanto pelo resultado de diversas derivações, as palavras que, na frase, relacionam-se a esse substantivo, têm de receber o mesmo gênero, estabelecendo um grupo nominal coeso entre si.

Tomando-se uma palavra como *Brasil*, que é um substantivo que tem o gênero masculino, pode-se derivar *brasildade*, que tem o gênero feminino. Trata-se, pois, de um substantivo feminino. Quaisquer palavras que se relacionem com essas têm de receber o mesmo gênero, masculino se se relacionarem com *Brasil* e feminino se se relacionarem com *brasildade*.

O nosso Brasil fica na América Latina.

A nossa brasildade é conhecida no exterior.

Pode-se verificar que as palavras *o* e *nosso* receberam o mesmo gênero da palavra *Brasil* na primeira frase, assim como *a* e *nossa* receberam o gênero feminino na segunda frase. Assim, há um grupo de palavras que mantém sua coesão pela concordância de gênero e de número.

Substantivo é a classe de palavras que se caracteriza por manter intrínseca a noção de gênero que desencadeia a concordância. Todos os substantivos têm seu gênero: masculino ou feminino. A mudança de gênero de um substantivo acarreta necessariamente a mudança de seu significado. Assim, *cachorro*, com gênero masculino, refere-se a um animal específico e *cachorra*, com gênero feminino, refere-se a outro animal, de sexo feminino. Não se confundam as noções de gênero e de sexo: variação de gênero não envolve necessariamente a variação de sexo. Assim, *a cabeça*, com gênero feminino, é uma parte do corpo, e *o cabeça*, é uma posição de liderança em um grupo de pessoas qualquer; *o rádio* é o aparelho, *a rádio* é a estação que transmite as notícias que se ouve pelo rádio.

A classe dos substantivos, ou nomes, é a que contém o maior número de unidades e, junto da dos verbos, a que melhor aceita a inserção de novas unidades. Dificilmente se poderá dizer quantos substantivos existem em uma língua qualquer, pois a todo instante novas palavras são criadas. Chamam-se *neologismos*. Alguns

realmente se tornam palavras utilizadas pelos falantes da língua, outros têm vida curta e logo são abandonados. Os neologismos podem ser elaborados por mecanismos diversos: *afixação*, isto é, pelo acréscimo de sufixos ou de prefixos a uma base preexistente: *imexível*, *automotivo*, *grevismo*, *besteírol* etc.; pela fixação de grupos de palavras *quatro-dormitórios*, para um apartamento com quatro quartos, *boca de urna*, para os militantes que fazem propaganda de seus partidos junto dos locais de votação; pelo empréstimo de palavras estrangeiras: *pole position*, *mouse*, *skinhead*; pelo estabelecimento de siglas: PT, CPMF, MEC, dentre outras cujo desdobramento nem sempre tem relação com as letras que formam a sigla — MEC, por exemplo, hoje é apenas Ministério da Educação, e não mais Ministério de Educação e Cultura, como era antes.

Nem sempre é fácil decidir qual é o gênero dos neologismos: para *skinhead*, por exemplo, que é uma expressão que significa, na sua língua original, *cabeça-pelada* ou *careca*, optou-se por atribuir-lhe o gênero masculino.

“Minha Adorável Lavanderia”, história da relação homossexual entre **um *skinhead* arrependido** e um filho de imigrantes paquistaneses, escrita pelo dramaturgo Hanif Kureishi, pode ser considerada um clássico.

(Folha de S. Paulo. 18 jan. 2002. Caderno Ilustrada.)

Pode-se notar com facilidade que, no trecho acima, o substantivo *skinhead* vem acompanhado das palavras *um* e *arrependido*, que estabelecem concordância de gênero masculino com ele. Assim, o conjunto *um ‘skinhead’ arrependido* forma um grupo de palavras coeso pelo gênero masculino; chama-se esse grupo de *grupo nominal* ou *sintagma nominal*. Como a palavra *skinhead* é um termo estrangeiro, ainda não aportuguesado, não há marca morfológica de gênero que se pode acrescentar a ele. Nesse caso, só se consegue conhecer o gênero de *skinhead* ou procurando no dicionário — o Houaiss e o

Michaelis atribuem-lhe dois gêneros, isto é, o ‘*skinhead*’ ou a ‘*skinhead*’, em se tratando de um homem ou uma mulher, respectivamente — ou verificando o gênero aplicado às palavras que fazem concordância com ele, que, no caso, são *um* e *arrependido*, como já se viu.

Reeves é o tira que tenta desarmar a bomba. Bullock, a **improvisada motorista**. Hopper, o vilão.
(*Folha de S. Paulo*. 18 jan. 1999. Caderno Ilustrada.)

No trecho acima, o termo *motorista* não porta por si só o gênero gramatical que se lhe atribuiu, por tratar-se de um substantivo de dois gêneros. Nesse caso, assim como no anterior, é necessário verificar em que gênero estão as palavras que concordam com ele formando um grupo nominal: *a* e *improvisada*. Ambas as palavras receberam o gênero feminino, o que aponta para o fato de que a palavra *motorista* recebeu o gênero feminino.

A concordância do grupo nominal também se dá pela variação de número do substantivo. Se o substantivo está no plural, também têm de estar no plural todas as palavras do grupo nominal.

[...] **as cinco últimas canções executadas** foram: “Sick of It”, Primitives; “Shrine”, The Dambuilders; “Show Me”, Over the Rhine; “Should I Stay or Should I Go”, The Clash; “Short Skirt, Long Jacket”, Cake.
(*Folha de S. Paulo*. 17 mai. 2004. Caderno Folhateen.)

O substantivo *canções*, que tem gênero feminino e que recebeu o número plural, estabeleceu que as palavras relacionadas a ele — *as*, *cinco*, *últimas* e *executadas* — concordassem com ele quanto ao gênero e quanto ao número. O grupo nominal completo, *as cinco últimas canções executadas*, está no gênero feminino e no número plural.

A concordância do grupo nominal se faz com um conjunto de palavras que pertencem a classes nominais bem definidas: *adjetivos*, *artigos*, *numerais* e *pronomes*. São palavras que podem flexionar-se em gênero e número, sempre concordando com o substantivo. Chamam-se de palavras variáveis, pois todas elas podem variar de gênero e de número; nenhuma delas é intrinsecamente masculina ou feminina, como os substantivos. Como alguns substantivos parecem variar de gênero, — como no caso de *menino* e *menina* —, à semelhança dessas outras classes gramaticais, também é comum chamar o substantivo de palavra variável.

O número dos substantivos, apesar de variável, nem sempre pode oscilar, e muitas vezes sua variação promove a mudança do significado da palavra: as palavras *pêsames*, *viveres* e *núpcias*, por exemplo, são plurais e não comportam qualquer variação para o singular; as palavras *fé*, *norte* e *trabalheira*, por exemplo, também não comportam variação, mas para o plural. Os plurais *céus* e *honra*, por exemplo, não se reportam ao mesmo significado dos singulares *céu* e *honra*: *céu* reporta-se ao espaço aberto que está acima da terra, *céus* reporta-se ao poder divino de alguma entidade que possa viver por ali; *honra*, por exemplo, reporta-se a uma qualidade individual, *honras* reporta-se às homenagens que se fazem a uma pessoa.

Como se verá mais adiante, uma das características da variação de número dos substantivos é que ela tem um alcance maior do que o do seu grupo nominal: ela atinge também o verbo.

Adjetivo

Os adjetivos formam uma classe de palavras variáveis, que concordam sempre com os substantivos. De maneira geral, pode-se dizer que são palavras que dependem de um substantivo pois que

sempre o acompanham, podendo vir antes ou depois dele. Seguem as mesmas regras derivacionais dos substantivos.

Assim como os substantivos, os adjetivos também se reportam a fatos da realidade, ou extralinguísticos.

Os técnicos vão aos domicílios e despejam no vaso **sanitário** um líquido com corante **amarelo**.
(*Folha de S. Paulo*. 28 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

Os termos *sanitário* e *amarelo* grifados acima são adjetivos. Note-se que concordam com os substantivos *vaso* e *corante*, respectivamente, que são do gênero masculino e estão no singular; também os adjetivos estão no masculino e no singular, formando grupos nominais — *o vaso sanitário* e *corante amarelo* — cada qual com seu substantivo.

Com relação ao movimento **skinhead**, acredito que tenham ocorrido simplificações.
(*Folha de S. Paulo*. 5 jan 2004. Caderno Folhateen.)

Nesse caso, a mesma palavra *skinhead*, que vimos se tratar de um substantivo de dois gêneros, foi usada como um adjetivo que se relaciona ao substantivo *movimento*. Por se tratar de uma palavra que não recebe marcas de flexão de gênero nem de número, sobretudo por ser de origem estrangeira, ela não tem nenhuma variação.

[...] a embalagem **skinhead** não fazia sentido estético na época, a moda pedia madeixas compridas.
(*Folha de S. Paulo*. 17 mar. 1998. Caderno Esportes.)

A palavra *skinhead*, novamente usada como adjetivo, nesse caso recebeu gênero feminino porque *embalagem* tem gênero feminino, formando o grupo nominal *a embalagem 'skinhead'*.

Os buracos negros são uma das previsões mais **assustadoras** e **esquisitas** da teoria da relatividade.

(*Folha de S. Paulo*. 26 jun. 2003. Caderno Ciência.)

Os adjetivos não precisam aparecer isolados, podendo ocorrer em conjunto, como é o caso do exemplo acima. As palavras *enganadoras* e *esquisitas* são adjetivos que se relacionam com a palavra *previsões*, que é feminina e está no plural. Todas as palavras desse grupo nominal também estão no feminino e no plural — *as*, *assustadoras* e *esquisitas* —, com exceção de *mais* e de *e*, que são, respectivamente, um advérbio que intensifica sentidos e uma conjunção que agrega elementos linguísticos. Advérbios e conjunções são invariáveis, não trataremos delas por ora. Sequências de adjetivos ocorrem com frequência.

[...] as tensões políticas, sociais e o início da mediatização da Europa permitiram o aparecimento de figuras **dúbias**, **meteóricas** e **enganadoras**.

(*Folha de S. Paulo*. 30 ago. 1999. Caderno Ilustrada.)

A sequência de três adjetivos — *dúbias*, *meteóricas*, *enganadoras* — que se relacionam com o substantivo *figuras* ocorre novamente com a conjunção que agrega os dois últimos. Deve-se notar que, nesse tipo de sequência, uma vírgula entremeia os termos arrolados e a conjunção aparece apenas entre os dois últimos termos, não importando a quantidade em que eles ocorram; mas dificilmente ocorrem em número maior do que três.

Algumas vezes, os adjetivos podem ocorrer substituindo formas perifrásticas com sentido correspondente. Dessa maneira, pode-se dizer *amor maternal*, no lugar de *amor de mãe*, ou *situação caótica* no lugar de *situação de caos*, ou *espetáculo circense* no lugar de *espetáculo de circo*. Há que se fazer essas substituições com muito cuidado pois nem sempre a correspondência é exata.

Na tarde de ontem, cerca de 20 pessoas estavam espalhadas no lado **de trás** do edifício, que parece ser uma das poucas partes cobertas.

(*Folha de S. Paulo*. 24 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

A substituição da locução adjetiva *de trás* pelo adjetivo *traseiro*, nesse caso, seria completamente inadequada. No entanto, pode-se entender que *de trás* atua de forma semelhante à que seria a atuação de *traseiro*.

Um automóvel Citroën caiu no buraco e ficou só com a **parte traseira** para fora d'água.

(*Folha de S. Paulo*. 1 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

No exemplo acima, a substituição do adjetivo *traseira* pela locução *de trás* não causaria nenhum estranhamento: *ficou só com a parte de trás para fora d'água*.

Quando locuções adjetivas ocorrem no grupo ou sintagma nominal, não há concordância delas com o substantivo.

Os painéis divisórios **de vidro temperado** têm estrutura de alumínio [...]

(*Folha de S. Paulo*. 6 abr. 2003. Caderno Construção.)

Nesse caso, a locução *de vidro temperado* faz parte do grupo nominal definido pelo substantivo *painéis*; no entanto, apesar da concordância interna obrigatória do grupo — como ocorre com *os e divisórios* —, a locução não concorda com o substantivo. A preposição, invariável como as conjunções e os advérbios, cria um novo grupo nominal, que no caso é *vidro temperado*, com suas próprias regras de concordância: *painéis* é masculino e está no plural, *vidro* é masculino e está no singular.

Na língua portuguesa, os adjetivos ocorrem geralmente depois do substantivo, mas podem aparecer antes também.

Giroto deu uma **boa notícia** a seus colegas médicos e enfermeiros brasileiros.

(*Folha de S. Paulo*. 31 mai. 2004. Caderno Mundo.)

Para quem está pensando em financiar um imóvel, uma **notícia boa** e outra ruim.

(*Folha de S. Paulo*. 30 mai. 2004. Caderno Imóveis.)

No entanto, essa variação de posição, na maioria das vezes, causa variação de sentido ou de ênfase, como nos clássicos exemplos: *pobre homem* e *homem pobre*, em que, no primeiro caso não se imagina que o termo *pobre* refira-se a bens materiais e no segundo, sim.

Numeral

Numerais são palavras para reportar quantidades específicas das coisas referidas pelos substantivos. Atuam de maneira semelhante aos adjetivos, fazendo parte do mesmo grupo nominal. Os numerais podem ser classificados como *cardinais*, *ordinais*, *fracionários* e *multiplicativos*.

Os numerais cardinais são os que tratam dos números propriamente ditos: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, *cinco*, *seis*, *sete*, *oito*, *nove*, *dez*, e assim em diante. Via de regra, são usados por extenso até o número cinco, às vezes até o nove, para além disso usam-se os símbolos próprios para os números: *10*, *11*, *25*, *147*, *1.589* etc.

De acordo com as autoridades, a série de ataques terroristas, que teve início no sábado, matou **22** civis (**20** estrangeiros) e **sete** agentes de segurança, num saldo de **29** mortos.

(*Folha de S. Paulo*. 31 mai. 2004. Caderno Mundo.)

Com exceção dos numerais cardinais *um* e *dois*, não se faz nenhuma concordância dele com o substantivo a que se referem.

Segurei a máquina com as **duas** mãos e pressionei para baixo.
(*Folha de S. Paulo*. 23 mai. 2004. Ombudsman.)

Cinco testemunhas de acusação e **cinco** de defesa serão ouvidas.
(*Folha de S. Paulo*. 31 mai. 2004. Caderno Cotidiano.)

Os numerais ordinais, por sua vez, seguem exatamente as mesmas regras dos adjetivos, estabelecendo concordância de gênero e número com o substantivo a que se referem.

As **terceiras** partidas da série acontecem na terça-feira.
(*Folha de S. Paulo*. 27 fev. 1999. Caderno Esportes.)

Ao contrário dos adjetivos, entretanto, os numerais ordinais são, normalmente, colocados antes dos substantivos. A inversão dessa ordem provoca mudança de sentido.

As duas **primeiras questões** que abriram teleconferência na última segunda-feira [...]
(*Folha de S. Paulo*. 5 dez. 2003. Caderno Esportes.)

Nos exemplos acima, nota-se que *primeiras*, numeral ordinal, quando ocorre antes do adjetivo, tem o sentido próprio de estabelecimento de ordem; no segundo caso — *questões primeiras* — o numeral adquiriu um valor que seria muito mais apropriado para adjetivos do que para numerais ordinais, tem um significado muito próximo de adjetivos como *principais*, *básicas*, *importantes* ou outros semelhantes.

Os numerais fracionários e multiplicativos são usados à semelhança dos substantivos. Estabelecem a base a partir da qual se farão todas as concordâncias.

O governo dirá que os US\$ 24 bilhões são praticamente o **quádruplo** de recursos obtidos no FMI para fechar as contas externas de 2001.

(*Folha de S. Paulo*. 15 ago. 2002. Caderno Brasil.)

Um **sexto** da população mundial não tem acesso à água.

(*Folha de S. Paulo*. 1 mai. 2003. Caderno Ciência.)

Nos exemplos acima, temos *quádruplo*, multiplicativo, e *sexto*, distributivo, que estabelecem o gênero masculino singular do grupo nominal.

Artigo

As palavras definidas como artigo são usadas de forma semelhante aos adjetivos e aos pronomes demonstrativos, com os quais concorrem, como se verá adiante. Formam uma classe muito fechada, contendo apenas oito elementos: *o, os, a, as, um, uns, uma, umas*. Como se vê, variam em gênero e em número. Chamam-se *definidos* os artigos *o, os, a, as* e *indefinidos* os artigos *um, uns, uma* e *umas*.

Os artigos ocorrem obrigatoriamente antes dos substantivos, com o qual concordam em gênero e número, e sempre como as primeiras palavras de um grupo nominal qualquer.

[...] logo em seguida **os meus dois principais jogadores** se machucaram e todo o meu trabalho desmoronou.

(Disponível em: <www2.uol.com.br/tododia/ano98/agosto/dia23/>.)

Se quiser coloque **uns três ou quatro pedaços de bacon** na assadeira.

(Disponível em: <www1.uol.com.br/cybercook/receitas/>.)

Pronome

A classe gramatical dos pronomes pode ser subdividida em: *pessoais, demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos*.

Os pronomes pessoais têm uso semelhante aos substantivos. Referem-se especialmente às chamadas *pessoas do discurso*: 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Trata-se de uma característica que os pronomes compartilham apenas com os verbos e com alguns advérbios. Essas pessoas do discurso também são flexões e, portanto, estabelecem concordâncias: pronomes de 1ª pessoa desencadeiam o uso de formas verbais de 1ª pessoa nos verbos e, eventualmente, outros pronomes que estiverem relacionados a ele. Assim, aumentam-se as flexões: *gênero, número e pessoa*.

Os pronomes pessoais de primeira pessoa indicam o próprio falante, autor do discurso que se profere ou que se escreve. Sua forma mais óbvia é o pronome *eu*, mas também ocorre como *me* ou *mim*, e na expressão *comigo*. O pronome *eu* é usado exatamente como um substantivo, isto é, a partir dele fazem-se as concordâncias das demais palavras do grupo nominal que ele define. Dessa maneira, se o pronome *eu* reportar-se a um falante feminino, todo o grupo nominal será feminino.

Se você não for lá, **eu mesma** vou.
(SABINO, Fernando. *No quarto de Valdirene*.)

No exemplo, verifica-se que o pronome de 1ª pessoa *eu* é feminino, isto é, reporta-se a um autor feminino do discurso. Assim, a concordância de *mesma* com o gênero atribuído ao pronome é obrigatória. Na medida em que os pronomes de primeira pessoa não recebem quaisquer marcas de variação de gênero, este só pode ser apreendido a partir da análise da concordância das palavras que se

relacionam a ele. Os pronomes de primeira pessoa *eu*, *me* e *mim* são exclusivamente singulares.

As formas *me* e *mim*, chamadas de *oblíquas*, são usadas apenas como objeto de verbo e de preposição, respectivamente. Veremos seu uso mais detidamente quando estivermos tratando da sintaxe.

Para o plural usam-se outras formas; as mais tradicionais são *nós*, *nos* e a expressão *conosco*. Também se fazem as concordâncias a partir do pronome: o gênero será o reportado pelo pronome, o número será sempre plural.

Isso é o que **todas nós** dizemos nas tuas condições, minha filha.

(AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma sogra.*)

É comum usar-se na fala corriqueira a forma *a gente* para indicar a primeira pessoa plural. No entanto, deve-se cuidar para que não se confunda a concordância dessa forma com a do pronome *nós*. Apesar de cristalizada, *a gente* é um grupo nominal de terceira pessoa, com gênero feminino e número singular.

O enterro passara sob a minha janela; o morto eu o conhecera vagamente; no café da esquina **a gente** se cumprimentava às vezes, murmurando “bom dia”.

(BRAGA, Rubem. *Viúva na praia.*)

Defrontar-se com **a gente mesma** é um susto. Mas pode ser um momento de descoberta.

(LUFT, Lya. *Entrevista*. Disponível em: <www.sinpro-rs.org.br/extra/ago98/perfil.htm>.)

Note-se que a concordância com o verbo se dá pela terceira pessoa, como no primeiro exemplo, e com o gênero feminino, como no segundo exemplo. Saliente-se, ainda, que, apesar de reportar-se à primeira pessoa plural, a expressão é singular.

Os pronomes pessoais de segunda pessoa indicam o ouvinte, isto é, a pessoa a quem se dirige o autor do discurso. Suas formas mais conhecidas e apontadas nas gramáticas são *tu*, *te*, *ti* e a expressão *contigo* para o singular e *vós*, *vos* e a expressão *convosco* para o plural, mas as mais usuais na fala cotidiana são *você* para o singular, e *vocês* para o plural.

Há que se cuidar para que não se confundam essas formas de segunda pessoa, sobretudo quando se tiver de fazer a concordância delas com o verbo. Apesar de as formas *você* e *vocês* reportarem-se ao interlocutor do discurso, a 2ª pessoa, como se verá mais adiante, estabelecem uma concordância com o verbo na 3ª pessoa. Assim, ao se optar pelo conjunto *tu*, *ti*, *te* e *contigo*, as concordâncias de pessoa serão feitas especialmente a partir desses pronomes. O mesmo se dá ao se optar pelo conjunto *você* e *vocês*, cujas concordâncias também serão exclusivas. Não há que se misturar uma forma com a outra.

Enfim, **tu** farás o que entenderes! Só **te** previno de que esta gente é muito reparadeira!
(AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*.)

Doravante o que **você** fizer é só **seu** e mais de **seus** filhos, se os tiver.
(AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*.)

Nos exemplos acima, ambos extraídos do mesmo autor, pode-se notar que o uso da forma *tu*, primeiro caso, e da forma *você*, segundo caso, desencadeiam a restrição do uso dessas formas.

A concordância no grupo nominal é semelhante aos outros casos. Concorda-se sempre com o pronome.

Lê **tu mesma** esta carta.
(ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*.)

O fato de você tentar ser **você mesma** e não se misturar nas intrigas incomodou os outros participantes?

(*Folha de S. Paulo*. 18 mar. 2002. Caderno Ilustrada.)

Os pronomes de terceira pessoa são *ele, eles, ela, elas, se, si* e a expressão *consigo*. Como se vê, têm formas específicas para a variação de gênero e de número. Pode-se dizer que a chamada terceira pessoa não é a primeira nem a segunda, mas é o assunto sobre o qual se está discorrendo. Referem-se a fatos estritamente linguísticos, como a recuperação de ideias e sentidos que já foram falados.

Para garantir sua promessa, **Senefelder** procurou o impressor e propôs-se a ajudá-lo, trabalhando **ele mesmo** na impressão.

(*Folha da Manhã*. 4 ago. 1954. Arquivo da Folha.)

No exemplo acima, o pronome *ele*, no grupo nominal *ele mesmo*, reporta-se ao nome *Senefelder*.

Os pronomes pessoais que vimos, *eu, tu, você, vocês, nós, a gente, vós, você, vocês, ele, eles, ela, elas*, atuam de maneira semelhante a substantivos no grupo nominal que definem.

Os pronomes possessivos têm uso semelhante ao de adjetivos. Recebem marcas de gênero e de número baseadas na concordância com o substantivo a que se referem.

	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
singular	meu, meus minha, minhas	teu, teus tua, tuas	seu, seus sua, suas
plural	nosso, nossos nossa, nossas	vosso, vossos vossa, vossas	seu, seus sua, suas

Como se pode notar, as variações que os pronomes recebem quanto à flexão são mais complexas do que as das demais classes variáveis. Recebem marcas de gênero e número, concordando com o substantivo que define o grupo nominal a que pertencem. Recebem

marcas de pessoa que reportam a pessoa do discurso a que se atribui a posse referida no substantivo.

Mas **eu** sei o que foram as **minhas** dores.
(LISPECTOR, Clarice. *Uma ira.*)

Em outros braços **tu** resolves **tuas** crises
Em outras bocas
Não consigo **te** esquecer
(FAGNER, Raimundo. *Deslizes.*)

Apesar de não ser tradicionalmente considerada como concordância, a manutenção da pessoa definida pode ser tratada como tal na relação estabelecida entre os pronomes. Assim, como no exemplo acima optou-se pela forma *tu*, manteve-se a correlação com as formas *tuas* e *te*. Caso a opção fosse por *você* a correlação seria com as formas *suas* e *se*.

Tu e **tuas** amigas não me deixariam esquecer de **ti**.
Você e **suas** amigas não me deixariam esquecer de **você**.

Pronomes demonstrativos recebem marcação de gênero, número e marcação de pessoa.

1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
este, estes	esse, esses	aquele, aqueles
esta, estas	essa, essas	aquela, aquelas

A variação de pessoa entre os demonstrativos, entretanto, tem implicação exclusivamente referencial, reportando-se tão somente à posição do fato referido pelo substantivo em relação ao autor do texto. A rigor, pronomes demonstrativos de primeira pessoa referem proximidade com o autor, de segunda pessoa referem proximidade com o interlocutor e de terceira referem proximidade com o assunto sobre o qual o autor e o interlocutor estão discorrendo.

[...] você precisa ver se acha por aí **aquele** trabalhinho que lhe mandei pra ler.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*.)

No exemplo, o demonstrativo *aquele* reporta-se a um fato, *trabalhinho*, que é conhecido do autor e do interlocutor mas não está junto de nenhum dos dois.

Eu também estava sofrendo de — megalomania! Nem bem cheguei fui ler a carta e estava certo. Que hei de fazer com **esta** cabeça cada vez pior! Outro dia falei uma burrada dos diabos numa crítica musical.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*.)

No exemplo acima, a cabeça a que se refere o autor é a sua própria cabeça, o que justifica o uso do demonstrativo apropriado para a primeira pessoa.

— Rosa, que mal te fiz eu, para estares assim a amofinar-me com **essas** falas?

(GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*.)

No exemplo, o demonstrativo *essas* refere-se à fala do interlocutor, sendo, portanto, próxima dele.

Muito embora esse seja o uso preconizado dos demonstrativos de primeira e de segunda pessoa, dificilmente exemplos como esses podem ser encontrados. De maneira geral, o demonstrativo de segunda pessoa tem uso muito mais generalizado, incluindo aí as funções que os de primeira pessoa teriam. Basicamente usam-se os pronomes de segunda pessoa para apresentar proximidade e os de terceira pessoa para apresentar distância, seja referente aos próprios interlocutores seja referente ao momento específico da fala.

Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas **esse** povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém.

(VARGAS, Getúlio. *Carta-testamento*.)

No exemplo acima, o demonstrativo *esse* reporta-se ao povo anteriormente referido no próprio texto.

Iniciei a construção de um novo balão e novo motor, **este** um pouco mais forte, **aquele** um pouco maior.

(DUMONT, Santos. *O que eu vi*.)

A diferença entre o uso de *este* e de *aquele* no exemplo está no distanciamento das expressões que cada um refere: *este* refere *novo motor*, expressão próxima do demonstrativo, *aquele* refere *novo balão*, expressão distante do demonstrativo.

Perdoe-me trazer o fato para **esta** carta, que comecei tomado de tristeza e dor de sua grande perda.

(TEIXEIRA, Anísio. *Correspondência*. Disponível em: <www.prossiga.br/anisioteixeira/>.)

No caso acima, com o uso do demonstrativo *esta*, de primeira pessoa, o autor reporta-se à própria carta que ele está escrevendo.

Pronomes indefinidos também recebem concordância de gênero e número com o substantivo a que se referem. Alguns, entretanto, são usados à semelhança de substantivos, isto é, formam a base do grupo nominal.

Pronomes indefinidos que se usam como adjetivos

algum, alguns
alguma, algumas
nenhum, nenhuns
nenhuma, nenhuma
outro, outros
outra, outras
pouco, poucos
pouca, poucas
muito, muitos,
muita, muitas
qualquer, quaisquer
quanto, quantos
quanta, quantas
todo, todos
toda, todas
vários
várias
certo, certos
certa, certas
tal
tais
certo
cada

Pronomes indefinidos que não se usam como adjetivos

alguém

ninguém

algo

nada

outrem

quem

Ainda que sejam pouco usuais, os indefinidos — *nenhuns* e *nenhumas* — dos exemplos abaixo receberam as marcas de gênero e de número dos substantivos a que se relacionam, respectivamente *adornos* e *satisfações*.

Simples era a mobília, **nenhuns adornos**, uma estante de jacarandá, com livros grossos in-quarto e in-fólio; uma secretária, duas cadeiras de repouso e pouco mais.

(ASSIS, Machado de. *Helena*.) Não lhes satisfarei esta curiosidade porque não tenho **satisfações nenhuma**s que lhes dar.

(URTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*.)

É possível também tomá-los como base de um grupo nominal. Nesse caso, será a partir dele que se desencadeará a concordância dos elementos que formam o grupo.

Ali tem sempre **alguém importante** que merece ser aplaudido ou vaiado.

(CONY, Carlos Heitor. *Folha Online*. Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. Acessado em: 17 fev. 2004.) O avião chegará em dezembro já pago, **algo raro** em contratos desse tipo. (*Folha Online*. Disponível em: <www.folha.uol.com.br> Acessado em: 7 mai. 2004.)

Verbo

Os verbos são as palavras que, na língua portuguesa, mais variam em suas flexões. Apesar de não compartilharem da variação de gênero, como as demais palavras que vimos até agora, recebem marcação de pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz.

A variação de pessoa, as mesmas dos pronomes, é obrigatória. Suas marcas caracterizam-se por serem formas sufixais associadas ao radical do verbo, com os devidos ajustes.

1 ^a pes. sing.	canto	vendo	parto
2 ^a pes. sing.	cantas	vendes	partes
3 ^a pes. sing.	canta	vende	parte
1 ^a pes. plur.	cantamos	vendemos	partimos
2 ^a pes. plur.	cantais	vendeis	partis
3 ^a pes. plur.	cantam	vendem	partem

Pode-se notar que as marcas são -o e -s, para a primeira e segunda pessoa do singular, -mos, -is e -m para a primeira, segunda e terceira pessoa do plural. Também se verifica que não há marca para a terceira pessoa do singular. Os radicais verbais, nesse caso, são *canta-*, *vende-* e *parti-*. Cada um deles teve de ter seus próprios ajustes para acondicionar as marcas de pessoa.

As marcas de pessoa dadas acima são as formas que se pode chamar de canônicas da língua portuguesa; não são as mais usadas. Na fala coloquial, e mesmo em textos escritos, formais ou não, essas mesmas marcas de pessoa são usadas para referir pessoas do discurso diferentes dessas canônicas.

E **vós**, minha menina, nada **quereis** saber?
(PENA, Martins. *As casadas solteiras*.)

O uso da marca de segunda pessoa plural, bem como do pronome *vós*, não está referindo senão uma única pessoa, a *minha menina*. Trata-se de um uso respeitoso do pronome, muito comum, por exemplo, ao referir uma entidade divina.

[...] a minha fé com os olhos fechados crê firmemente, Senhor,
que **estais** nesse Sacramento.
(VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão de quarta-feira de cinzas*.)

A segunda pessoa plural, atualmente, é usada tomando-se o pronome *vocês* para referi-la.

Todos vocês sabem que, quando tomei posse, a economia brasileira vivia um momento dramático.
(LULA DA SILVA, Luís Inácio. *FolhaOnline*. 7 abr. 2003.)

Também as demais marcações de pessoa no verbo são usadas para referir outras pessoas do discurso.

Então — não sei se você se lembra — que **a gente chegou** e o homem do botequim disse que o siri já tinha acabado.
(PONTE PRETA, Stanislaw . *Não sei se você se lembra*.)

Assim, não se pode pensar em apreender as pessoas do discurso referidas pelos verbos tão somente por suas marcas morfológicas. À maneira do que se fez com os substantivos, também será a partir da

concordância do verbo com outras palavras que se poderá reconhecer a pessoa do discurso. Há que se distinguir entre as marcas morfológicas de pessoa e as pessoas do discurso propriamente ditas. As marcas morfológicas de pessoas consistem na flexão do verbo.

À medida que as pessoas variam entre singular e plural, também o verbo sofre essa variação. Cada pessoa, entretanto, terá sua própria marca morfológica, isto é, não há uma marca de plural comum a todas as pessoas.

O verbo concorda com o grupo nominal a que imediatamente se relaciona. Se for um grupo nominal de terceira pessoa plural, o verbo receberá a marca morfológica da terceira pessoa plural; se o grupo nominal for de primeira pessoa singular, também o verbo deverá receber a marca de primeira pessoa singular. Vale lembrar que as palavras *você* e *a gente*, apesar de referirem a segunda pessoa singular e a primeira pessoa plural do discurso são palavras da terceira pessoa singular, estabelecendo, portanto, que o verbo deverá receber a marca da terceira pessoa singular; *vocês* refere a segunda pessoa plural, mas é uma palavra de terceira pessoa, logo, o verbo, para concordar com ela, deverá receber marca de terceira pessoa plural.

Ah! **vocês querem** levar outra sova ao dominó como a de sábado passado?

(QUEIRÓS, Eça de . *Os maias*.)

Você foi O maior dos meus casos, De todos os abraços O que eu nunca esqueci

(ROBERTO CARLOS. *Outra vez*.)

Então **a gente começava** a falar sobre as pessoas que **a gente conhecia** em comum, ali no bairro [...]

(*Folha de S. Paulo*. 5 mar. 2002. Caderno Ilustrada.)

A variação de tempo também ocorre com marcas morfológicas no verbo. De fato, na maioria das vezes são morfemas que também indicam a variação de pessoa.

	presente	passado	futuro
1 ^a pes. sing.	vendo	vendi	venderei
2 ^a pes. sing.	vendes	vendeste	venderás
3 ^a pes. sing.	vende	vendeu	venderá
1 ^a pes. plur.	vendemos	vendemos	venderemos
2 ^a pes. plur.	vendeis	vendestes	vendereis
3 ^a pes. plur.	vendem	venderam	venderão

Não vou dizer que venderemos US\$ 10 milhões amanhã.
(Folha de S. Paulo. 24 nov. 2003. Caderno Ilustrada.)

O time concentra três dos cinco atletas de Bernardinho que venceram a Copa do Mundo.
(Folha de S. Paulo. 6 dez. 2003. Caderno Esportes.)

É fácil perceber que os verbos *venderemos* e *venceram* reportam-se a tempos diferentes: um ao futuro, outro ao passado, respectivamente.

A marcação de tempo, entretanto, não necessita vir especificamente como parte da morfologia do verbo. Pode ocorrer de ela se realizar pela presença de outro verbo que refira o tempo. O verbo *ter*, o verbo *ir*, o verbo *haver*, dentre outros, podem fazer esse papel de marcadores de tempo. São chamados de *verbos auxiliares*.

E ora não estamos apaixonados. Nossa comoção por essa moça é gratuita. O que sentimos por ela é uma espécie de gratidão. Não **tínhamos pensado** nisso; mas agora nos damos conta de que sua presença é um favor da vida. (BRAGA. Rubem. *Folha da Manhã*. 26 mai. 1946.) Como eu falei, a imortalidade **vai tornar** nosso planeta superpovoado, **vão surgir** problemas

com alimento, com água, falta de espaço e, principalmente, falta de recursos.

(FolhaOnline. 30 set. 2003.)

Nos exemplos acima, os verbos *pensar*, *tornar* e *surgir* vão acompanhados dos verbos auxiliares *ter* e *ir*: *tínhamos pensado*, *vai tornar* e *vão surgir*. Estes dois últimos referem acontecimentos que deverão ocorrer, futuros; aquele primeiro refere acontecimento que já ocorreu, passado. O fato de o verbo necessitar de um auxiliar para a marcação de suas flexões é conhecido como *locução verbal*.

A variação de aspecto verbal vem tradicionalmente apresentada pelos nomes *perfeito* e *imperfeito*. Assim, há o tempo *passado perfeito*, como é o caso de *vocês falaram* e o tempo *passado imperfeito*, como é o caso de *vocês falavam*. A diferença entre essas duas formas, uma com o morfema *-ram* e outra com o morfema *-vam*, é que a primeira refere um fato que aconteceu num determinado tempo e terminou, esse é o aspecto *perfectivo*, e a segunda refere um fato durante a sua ocorrência, isto é, antes do seu término, é o *imperfectivo*. Normalmente, usa-se o segundo caso quando se quer fazer referência a dois fatos que ocorrem em tempo simultâneo.

Tapava os ouvidos quando os outros **falavam**, dava murros na parede, dizia palavrões.

(MACHADO, Alcântara. *Contos avulsos*.) [...]

essa moça, tão criança, **era** inteiramente mulher quando os olhos dela **encontravam** os dele [...]. (ASSIS, Machado de. *Casa velha*.)

Nos exemplos acima — *tapava*, *falavam*, no primeiro, *era* e *encontravam*, no segundo —, pode-se notar que em ambos os casos os fatos referidos ocorrem simultaneamente a outros: “tapar os ouvidos” em relação a “falar” e “ser inteiramente mulher” em relação a “encontrarem-se os olhos um o do outro”. Deve-se atentar para o

fato de que há referência a uma duração no tempo referido pelo verbo, de maneira que seja perceptível a simultaneidade dos fatos.

A marcação morfológica de aspecto no verbo, por vir acomodada tanto à marcação de pessoa quanto à de número e à de tempo, não é fácil de ser apreendida. Nas locuções verbais, entretanto, o aspecto vai ocorrer separadamente da marcação de tempo, isto é, o tempo vai marcado no verbo auxiliar e o aspecto vai marcado no verbo principal. Nesse caso, a marca de aspecto *imperfectivo* será o *gerúndio*, cuja característica morfológica é a sua terminação em *-ndo*: *comprando, vendendo, partindo, compondo* etc.

— Isso é um crime, ouviu?, é um crime o que vocês **estão fazendo** com esse rapaz! (RODRIGUES, Nelson. *Delicado*.)

— Ei, Nicolino! NICOLINO!

— Que é?

— Você **está ficando** surdo, rapaz! A Grazia passou agorinha mesmo.

(SABINO, Fernando. *Como nasce uma história*.)

Nos dois casos, os verbos *fazer* e *ficar* têm a marca morfológica *-ndo* referindo um fato durante o seu desenvolvimento. No primeiro exemplo, a maldade que se está fazendo com o rapaz está sendo referida no momento da fala do locutor; da mesma maneira o hipotético ensurdecimento do Nicolino, que parece estar se acentuando naquele mesmo instante em que ele é chamado. Note que as ações estão sendo referidas no tempo presente, relativamente ao locutor, e durante o momento da fala do locutor: um tempo presente e um aspecto imperfectivo.

Deve-se entender que o aspecto verbal refere o fato tomando-o sob três pontos de vista: o seu início, o seu decorrer e o seu final. Assim, as marcas aspectuais estarão sempre voltadas para um desses pontos de vista.

	início	decorrer	final
vi	comecei a correr	estive correndo continuo correndo	acabei de correr
via	começava a correr	estava correndo continuava correndo	acabava de correr
verei	começarei a correr	estarei correndo	acabarei de correr
vou ver	vou começar a correr	vou estar correndo	vou acabar de correr

As variações de modo na língua portuguesa foram tradicionalmente agrupadas segundo as variações morfológicas que os verbos apresentam. Normalmente são definidos os modos *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*, para o português. A situação, entretanto, é um pouco mais complicada do que isso.

Os modos verbais referem a participação do locutor no fato referido pelo verbo. À semelhança do aspecto, também o modo pode ser referido pela junção de morfemas ao verbo ou pelo uso de verbos auxiliares. No primeiro caso, teremos as marcações mais clássicas dos modos *indicativo* e *subjuntivo*.

	indicativo	subjuntivo
presente	corro corremos correm	corra corramos corram
passado	corri corremos correram	corresse corrêssemos corressem
futuro	correrei correremos correrão	correr correremos correrem

As variações morfológicas do modo verbal ocorrem conjuntamente com as variações de tempo e de aspecto. De uma

maneira mais geral, pode-se dizer que o modo subjuntivo difere do indicativo porque neste o falante faz uma afirmativa segura do fato e naquele ele não faz.

A prova é que se **dependesse** de mim casá-lo, casava-o amanhã mesmo.

(ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*.)

O verbo *depende* do exemplo acima está no modo subjuntivo. A afirmação feita não é suficiente para apresentar o fato, que, no caso, é apenas uma conjectura, deixando claro que o casamento não dependia do autor da frase. Se alterássemos o modo para o indicativo, teríamos uma frase bastante diferente:

A prova é que se **depende** de mim casá-lo, caso-o amanhã mesmo.

Nesse exemplo, o casamento depende ou pode depender do autor da frase. Note que o mesmo não se pode dizer do verbo *casar*, em nenhum dos dois exemplos, nos dois casos essa seria uma possibilidade.

A variação do modo morfológicamente marcado não apresenta características semânticas fortes para a sua apreensão. Suas características fundamentais são a sua exigência em algumas construções. É o caso de *talvez*.

Quem sabe se não seria melhor abandonar duma vez esses sonetos indiscretos? Repare que **talvez** eles também **pertencam** um bocado àquele “ruim esquisito” que você inventou com tanta felicidade.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*.)

Ao usar a palavra *talvez* o verbo foi usado no subjuntivo. Mas a vinculação entre o modo subjuntivo não se dá somente com palavras,

dá-se, também, com orações. Como se verá mais adiante, orações dependentes são construídas com verbos no modo subjuntivo. Apenas quando se deseja propor uma variação ou um efeito de sentido qualquer é que os verbos das orações dependentes não ficam no subjuntivo.

O modo manifesta-se com muito mais clareza nas locuções verbais. Nesse caso, da mesma maneira que o aspecto, será o verbo auxiliar que definirá o modo, isto é, qual é a participação do sujeito no sentido referido pelo verbo.

O sr. Cotegipe disse que o Partido Conservador **queria, podia** e **devia ampliar** a lei de 28 de setembro.
(PATROCÍNIO, José do. *A campanha abolicionista.*)

No exemplo, o verbo *ampliar* ocorre modificado pelos auxiliares *querer*, *poder* e *dever*. São marcadores de modo. Como se nota, o modo pode ser cumulativo. A relação que o autor quer estabelecer entre o Partido Conservador e a ampliação da lei de 28 de setembro vai expressa exatamente pelos verbos auxiliares. Não se trata, pois, de estabelecer-se uma relação apenas formal de concordância entre o grupo nominal *o Partido Conservador* e o verbo *ampliar*, mas, principalmente, de acrescentar a essa relação outros vínculos que não podem ser expressos apenas pela morfologia verbal.

É notável que as relações entre as palavras vão se tornando cada vez mais complexas e estabelecendo uma rede de coesões ora semânticas, ora morfológicas, que dificilmente se deixam analisar independentemente. O uso do verbo *ampliar* acima, por exemplo, resulta de complexa formação de morfemas (*amplia+r*), de pessoa (3^a pes.), número (sing.), tempo (passado), aspecto (imperf.), modo (*dever*), além de ser uma locução verbal; tudo isso para concordar com um grupo nominal (*o Partido Conservador*) que também se constitui de partes como essas.

Todas essas partes juntas formam outras partes que também se concatenam formando outras partes ainda maiores, cada qual exigindo

seus próprios mecanismos de coesão. Alguns desses mecanismos serão abordados nos próximos itens: as classes de palavras invariáveis, como *advérbio*, *conjunção*, *preposição* e a sintaxe frasal.

Advérbios

A classe de palavra dos advérbios comporta uma variedade bastante grande de formas. De maneira geral caracterizam-se por não estabelecer relações de concordância obrigatória com outras palavras da oração. São elementos que modificam os sentidos de palavras e de orações acrescentando-lhes novas informações.

Tempo e lugar são circunstâncias bastante características da informação dos advérbios. De maneira geral, mesmo sem fazer concordância, nesses casos, os advérbios têm alguma relação com a pessoa e o tempo das palavras com que se relacionam. No exemplo abaixo, repare nos advérbios *ontem* e *hoje*.

— Não sei... disse o pai; o fato é que ela **estava ontem** muito bem disposta e **hoje**, ao contrário, **está** impertinente como nunca!

(AZEVEDO, Aluísio. *Girândola de Amores*.)

Como *ontem* é um advérbio que indica passado e *hoje* é um advérbio que indica presente, também os verbos aparecem com tempo passado e presente, *estava* e *está*, respectivamente. Essa não é uma relação obrigatória, como se pode notar nos exemplos abaixo.

Se eu soubesse que esta maldita rua **estava hoje** neste estado, não tinha saído de casa.

(FRANÇA Jr., Joaquim José da. *Caiu o ministério*.)

Vou voltar hoje mesmo para casa sem ir a Copacabana.

(QUEIROS, Dinah S. *História de mineiro*.)

No primeiro exemplo, o advérbio *hoje* relaciona-se com um verbo flexionado em tempo passado e, no segundo, em tempo futuro.

Policiais militares do 29º Batalhão **acompanharão amanhã** uma reintegração de posse.
(*Folha de São Paulo*, 26/05/2002.)

O presidente da República e o governador de São Paulo **participam amanhã** da apresentação do ERJ-170, o novo jato da Embraer.
(*Folha de São Paulo*, 28/10/2001.)

Também no caso do advérbio *amanhã*, que indica futuro, pode-se notar que não há concordância do tempo verbal. Este pode ocorrer tanto no presente, como é o caso do primeiro exemplo, como no futuro, como é o caso do segundo exemplo.

Os advérbios também podem marcar as relações de lugar que se estabelecem entre as pessoas. De forma mais ou menos parecida com a dos pronomes demonstrativos, percebe-se que os advérbios portam essas informações.

Vamos para outra sala que **aqui** está calor demais.
(MACHADO, Antônio Alcântara. *Laranja da China*.)

Cansaste em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto **aí** ficas na caixinha de costura.
(ASSIS, Machado. *Um apólogo*.)

O senhor já reparou naquele anúncio **ali**? Bem em cima da mulher de chapéu verde.
(MACHADO, Antônio Alcântara. *Laranja da China*.)

Nos exemplos acima, os advérbios *aqui*, *aí* e *ali* relacionam os objetos à posição do falante. No primeiro exemplo, *aqui* refere-se ao lugar onde está o falante, *aí*, ao lugar onde está o interlocutor e,

finalmente, *ali*, a um lugar que não é nem o do falante nem o de seu interlocutor. De alguma maneira, podemos dizer que esses advérbios de lugar estão relacionados às pessoas do discurso. É o mesmo caso dos advérbios, também de lugar, *cá* e *lá*, este para uma terceira pessoa e aquele para a primeira.

Os advérbios de tempo, *ontem*, *hoje* e *amanhã*, também estão relacionados ao falante. Nota-se que a referência ao tempo parte sempre do momento em que ocorre a fala: *hoje* refere-se ao dia em que o falante produziu o seu discurso. É só a partir daí que podemos saber a quais momentos referem-se os advérbios *ontem* e *amanhã*.

Essa referência, entretanto, não é obrigatória. Pode haver um grande número de advérbios de tempo ou de lugar que não se relacionem às pessoas do discurso:

lugar: *abaixo*, *acima*, *acolá*, *além*, *aquém*, *algures*, *alhures*, *nenhures*, *atrás*, *fora*, *afora*, *dentro*, *perto*, *longe*, *adiante*, *diante*, *onde*, *através*, *defronte*, *adonde*, *donde*, *detrás* etc.

tempo: *já*, *sempre*, *amiúde*, *nunca*, *jamais*, *ainda*, *logo*, *antes*, *cedo*, *tarde*, *ora*, *afinal*, *outrora*, *breve*, *enquanto*, *durante*, *entrementes*, *imediatamente*, *raramente*, *finalmente*, *comumente*, *presentemente*, *diariamente*, *simultaneamente* etc.

Alguns desses advérbios são mais raros de se encontrar, como é o casos de *algures* (*em algum lugar*), *alhures* (*em outro lugar*), *nenhures* (*em nenhum lugar*), *amiúde* (*com frequência*), *entrementes* (*naquele momento*).

— Se o roteiro do português estivesse exato - disse eu suspirando
— a poça de água devia aparecer por aqui **algures...**
(HAGGARD, H. Rider (trad. Eça de Queirós) *As minas do rei Salomão*.)

E por mais que procurasse desviar para **alhures** o pensamento, revia com clareza a figura séria e aberta de Fernando... (MAGALHÃES, Valentim. *Flor de sangue.*)

Por que não me escreves mais **amiúde** e mais extensamente? (AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão.*)

E preciso não te esqueceres que **entrementes** continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. (BARRETO, Lima. *O homem que falava javanês.*)

Também se pode falar em advérbios que exprimem negação, afirmação, dúvida, intensidade, modo. Trata-se de uma classe muitíssimo extensa que abarca uma grande variedade de formas cujas relações com as demais palavras das orações também são muito variadas. Nesses casos, o advérbio relaciona-se especialmente com as classes de palavras: verbo e adjetivo, podendo também relacionar-se com outros advérbios.

A princípio ele achou prudente **não** voltarem juntos, já que uma **não** sabia da existência da outra. (SABINO, Fernando. *O golpe do comendador.*)

Quem é o homem nesta casa? Se você **não** for olhar eu **não** fico aqui dentro nem mais um minuto. (SABINO, Fernando. *No quarto da Valdirene.*)

Nos exemplos acima, todas as ocorrências do advérbio “**não**” relacionam-se ao verbo da oração.

Ela ficara moça e era bonita; alguns diziam **muito** bonita, e ela concordava com estes. (ALENCAR, José de. *Encarnação.*)

O advérbio de intensidade, *muito*, do exemplo, relaciona-se ao adjetivo *bonita* acrescentando-lhe informações que este por si só não poderia

apresentar. Os advérbios de intensidade são numerosos: *muito, pouco, assaz, bastante, mais, menos, tão demasiado, meio, todo, completamente, demasiadamente, demais, quão, bem, mal, quase, apenas* etc.

Os advérbios de modo são os mais numerosos de todos, porque além de alguns fixos — por exemplo, *bem, mal, assim, depressa, devagar, de balde, adrede (intencionalmente)* —, também fazem parte desse grupo quase todas as palavras formadas com o sufixo *-mente*: *adequadamente, brevemente, corretamente, delicadamente, gostosamente, minimamente, rapidamente* etc. Não há como definir todo esse conjunto, pois a todo momento novos advérbios como esses são criados pelos falantes.

Atirou, desmontou para dar-lhe o tiro da graça; e descobriu então que havia matado um bezerro complacente que uma máscara **adrede** transformara em onça.
(BARRETO, Lima. *Numa e Ninfa.*)

Descobrindo o engano, Berta não se agastou e riu-se **gostosamente** com o rapaz, da peça que lhe pregara ele.
(ALENCAR, José de. *Til.*)

Nos exemplos, *adrede* relaciona-se ao verbo *transformar*, acrescentando-lhe o sentido de intenção, e *gostosamente* relaciona-se ao verbo *rir*.

Advérbios ocorrem também na forma de locuções, chamadas *locuções adverbiais*. Suas características são as mesmas: são invariáveis sempre, apesar de se comporem por uma preposição e um substantivo. Podem expressar variados sentidos:

às cegas, às claras, à toa, à pressa, às pressas, a pé, a fundo, à uma, às duas, às três, às tontas, à noite, ao acaso, à vista, a prazo, às vezes, em breve, por ora, por trás, em vão, de propósito, em cima, em vão, em prol etc.

Ponhamos três mesas **à vista**, para que se veja a soberania daquela.

(VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão XIX. Com o Santíssimo Sacramento Exposto.*)

Muitos optam pelo pagamento **à vista** ou por um modelo mais potente. (*Agência O Estado de São Paulo*, 28/01/2001.)

Ninguém lhe ouvia palavra mais áspera ou gesto menos conveniente, e **às vezes** entrava pela hora do recreio grudado aos livros sem os querer deixar.

(AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão.*)

Trabalhem, portanto, cada um com o recurso de que dispomos **em prol** da causa que abraçamos.

(Luiz Carlos Prestes, Carta a Paulo Nogueira Filho (13 set. 1928). In BONAVIDES P. e Amaral, P. (2002). *Textos Políticos da História do Brasil.*)

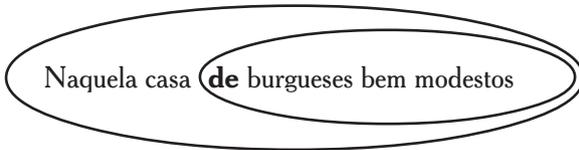
Conectivos

Preposições e conjunções são palavras que estabelecem a ligação entre palavras, grupos de palavras ou orações. Já vimos, por exemplo, que tanto adjetivos quanto advérbios podem ter seus sentidos substituídos, pelo menos parcialmente, por expressões chamadas locuções. Essas locuções, por sua vez, formam-se a partir de um grupo nominal, cuja base será um substantivo ou um pronome, e uma preposição qualquer. Dessa maneira teremos: *espetáculo circense*, em que *circense* é um adjetivo que se refere ao substantivo *espetáculo*, concordando com ele, e teremos, também, *espetáculo de circo*, em que *de circo* é uma locução adjetiva formada pela preposição *de* e pelo substantivo *circo*.

Naquela casa **de burgueses bem modestos**, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus.

(ANDRADE, Mário de. *O peru de natal.*)

No exemplo acima, a sequência *de burgueses bem modestos* forma-se semelhantemente a uma locução adjetiva, isto é, uma preposição seguida de um grupo nominal, cujo núcleo gerador de concordância é *burgueses*. São grupos nominais dentro de grupos nominais, cuja ligação se faz pela preposição.



As preposições são conectivos que estabelecem essa relação de subordinação entre os grupos nominais. Ainda no exemplo acima, teremos outras ligações que se realizam também por meio de preposições.



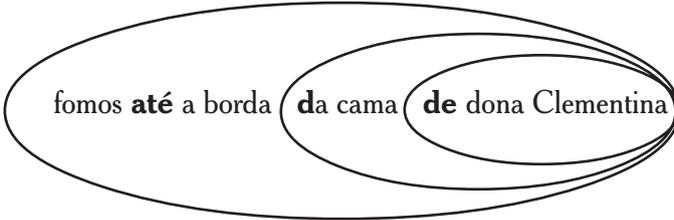
Dessa maneira, pode-se notar com alguma facilidade que há três grupos nominais — *um milagre digno do Natal de um Deus*, *o Natal de um Deus* e *um Deus* —, sendo que uns se encaixam dentro de outros.

Ainda que estejamos falando de grupos nominais, não é essa a única possibilidade. Essa ligação também ocorre entre verbos e grupos nominais.

Não a desmenti e fomos até a borda da cama de dona
Clementina.
(BARRETO, Lima. *Cemitério dos vivos.*)

Novamente, temos uma sucessão de grupos nominais subordinados, isto é, uns dentro dos outros:

fomos **até** a borda **da** cama **de** dona Clementina.



No exemplo, o grupo nominal cuja ligação com o verbo *fomos* se faz com a preposição *até* subordina outros dois que lhe são encaixados: *a cama de dona Clementina* e *dona Clementina*.

As preposições mais comuns são *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *trás*. Embora elas sejam facilmente confundidas com advérbios — como *após*, na frase *A rapariga foi-se e logo após voltou* —, é importante ter sempre em mente que preposições estabelecem um vínculo subordinativo entre o grupo nominal que lhe segue e outra palavra. No caso referido, *após* não está subordinando nenhum grupo nominal, assim, não pode estar sendo usado como preposição, mas sim, como advérbio.

Como as preposições são palavras de muito uso na língua, geralmente são monossilábicas e átonas. Assim, é muito frequente que os falantes produzam preposições incrustadas em outras palavras.

à = a + a

ao = a + o

àquela = a + aquela

àquilo = a + aquilo

daquele = de + aquele

desse = de + esse

disso = de + isso

na = em + a

naquilo = em + aquilo

naquele = em + aquele

nesse = em + esse

nisso = em + isso

pela = per + a

pelo = per + o

Deve-se ressaltar que em todos esses casos, há sempre uma preposição estabelecendo ligações entre grupos nominais ou entre grupo nominal e verbo. O caso mais complexo, que comumente gera mais dúvida, é a contração da preposição *a* com o artigo *a*, formando uma crase, que significa que fundiram-se ambas as formas. Quando ocorre essa contração, sobrepõe-se um acento grave. Se há crase da preposição *a* e do artigo *a*, então haverá acento grave: *à* ou *ás*.

Não há uma regra que deixe isso claro, pois o uso do artigo é facultativo, o que estabelece que a crase é facultativa. Entretanto, padronizou-se que em alguns casos diferenciais manter-se-ia a crase, ainda que, rigorosamente, ela não seja obrigatória.

A nossa obra está **à vista** de todos, só os cegos não a querem ver. (

PATROCÍNIO, José do. *Campanha abolicionista*.)

No exemplo acima, a expressão *à vista* está formada pela preposição *a* e pelo grupo nominal *a vista*. Houve, portanto, crase, entre a preposição e o artigo.

Um caso óbvio de crase ocorre quando a forma é plural, isto é, com a preposição *a* e o artigo *as*. Como preposição não tem plural, pois é invariável, sempre estaremos diante de uma crase — portanto, com acento grave — no caso das expressões com grupo nominal de gênero feminino e número plural: *às vezes*, *às escondidas*, *às escuras*, *às apalpadelas* etc.

Caminham **às apalpadelas**, como cegos a quem houvessem levado o guia.

(COELHO NETO, Henrique M. *Mano*.)

Note-se que a expressão do exemplo, *às apalpadelas*, é semelhante a outra cujo substantivo é masculino, por exemplo, *aos tropeços*. Neste caso, está óbvia a presença do artigo.

No caso de alguns verbos, há um uso padronizado de certas preposições. A isso chama-se *regência verbal*. Dificilmente se poderão estabelecer regras que nos permitam deduzir qual é a preposição ideal para cada verbo, assim, o melhor é consultar dicionários de regência verbal, pois esse é um dos casos em que se manifestam as variações da língua portuguesa. Diz-se, por exemplo, que, na norma culta, os verbos *chegar* e *ir* são usados com a preposição *a*.

Quando chegamos **ao** Largo da Imperatriz, desabou uma pancada d'água.

(FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José da. *Maldita parentela*.)

Ontem fomos **ao** Jardim Zoológico.

(ALMEIDA, Júlia de. *A intrusa*.)

Apesar de as preposições não terem um significado facilmente detectável, elas mudam o sentido das expressões, apontando, pelo menos, para algum significado.

Depois foi à janela respirar um pouco de ar, e **viu na rua**, encostado ao lampião, o homem que falara com Violante.

(AZEVEDO, Aluísio. *Condessa Vésper*.)

Verdade é que o primo Antônio disse que uma noite, passando por aqui, **viu da rua** uma sombra de mulher passeando na sala de visitas.

(ASSIS, Machado de. *Os óculos de Pedro Antão*.)

Embora possam ser extremamente parecidas, as expressões *viu na rua* e *viu da rua* são bastante diferentes. No primeiro, a pessoa que viu não estava na rua, mas estava na janela, olhando para a rua; no segundo, a pessoa que viu estava na rua, olhando para a janela.

Conjunções coordenativas

Com características bastante semelhantes às das preposições, as conjunções também estabelecem ligações entre palavras, grupos nominais ou orações. A característica diferencial é que as conjunções podem fazer relações de subordinação e de coordenação. Elementos coordenados não estão encaixados uns dentro dos outros, são paralelos entre si.

Entre gritos **e** penas, ela foi presa.
(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha*.)

Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos **e** indecisos.
(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha*.)

Todos correram de novo à cozinha **e** rodearam mudos a jovem parturiente.
(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha*.)

Continuou entre a cozinha **e** o terraço dos fundos.
(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha*.)

Nos exemplos acima, a conjunção *e* faz a ligação entre elementos diversos: dois substantivos na primeira frase, dois adjetivos na segunda, duas orações na terceira e dois grupos nominais na última. Nenhum desses elementos está inserido no outro, mas são construções paralelas. O grupo nominal *cacarejos roucos e indecisos*, por exemplo, contém a sequência coordenada dos adjetivos *roucos e indecisos*, que concordam com o substantivo *cacarejos*.

As conjunções que coordenam os elementos entre si são as conjunções coordenativas: podem ser *aditivas*, *alternativas*, *adversativas*, *conclusivas* e *explicativas*.

Conjunções aditivas estabelecem que as informações devem ser incluídas ou eliminadas mutuamente. As mais características são *e* e *nem*; esta estabelece que as informações devem ser eliminadas e aquela que devem ser incluídas.

Sozinha no mundo, sem pai **nem** mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada.

(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha.*)

A conjunção *nem*, do exemplo, estabelece que a informação *mãe*, em relação à informação *pai*, deve ser igualmente excluída. É a preposição *sem* no início da expressão que marca a eliminação do primeiro item *pai*.

Conjunções alternativas estabelecem que as informações podem acrescentar-se ou não. Nesse caso, não é obrigatório que as informações sejam incluídas, apesar de se poderem incluir.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois **ou** três lances, alcançar a murada do terraço.

(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha.*)

Note-se que, no exemplo acima, a conjunção *ou*, na expressão *dois ou três lances*, foi utilizada para indeterminar a quantidade de lances de asas da galinha: podiam ter sido dois lances, bem como podiam ter sido três lances, as duas possibilidades seriam verdadeiras.

Conjunções adversativas estabelecem que há uma contradição entre o que se esperava que ocorresse e o que ocorreu de fato.

Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria **mas** ficaria muito mais contente.

(LISPECTOR, Clarice. *Uma galinha.*)

Nesse exemplo, a conjunção *mas* estabelece uma relação entre as orações *ela não cantaria* e *ficaria mais contente* que contradiz a expectativa criada pela primeira oração: o fato de que se soubesse cantar e não cantasse é porque talvez não estivesse contente. Outras conjunções alternativas são: *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto*, *entretanto*

As conjunções conclusivas e as explicativas relacionam orações procurando estabelecer um sentido fluente de uma para outra.

Não havia entre ele e a menina o menor grau de consanguinidade, **portanto**, não podia haver crime nas suas intenções.

(CAMINHA, Adolfo. *A normalista*.)

Vou buscá-la de carro, **porquanto** vamos ao cassino, e tu me esperas lá, pois tenho um camarote.

(BARRETO, Lima. *Um especialista*.)

No primeiro exemplo, a conjunção *portanto* ressalta que a oração que vai a seguir é uma conclusão da primeira. No segundo exemplo, a conjunção *porquanto* (= *porque*) aponta para o fato de que a oração *vamos ao cassino* apenas justifica o fato expresso na primeira oração *vou buscá-la de carro*.

Conjunções subordinativas

As conjunções subordinativas caracterizam-se por estabelecerem uma relação de dependência entre as orações, isto é, elas apontam para o fato de que as orações se encontram encaixadas umas dentro das outras. Assim, as orações que se encaixam internamente às outras têm de exercer alguma função sintática de sujeito, de objeto ou de adjunto, por exemplo.

Uma das conjunções subordinativas mais comuns é a chamada *conjunção integrante*. Trata-se do conectivo *que*. Esse conectivo pode assumir muitos valores, indicando variados tipos de relacionamento entre orações. No que diz respeito às orações que atuam como grupos nominais, ele é o único conectivo possível. Nesse caso particular é que recebe o nome de *conjunção integrante*.

Sintaxe

Sintaxe interna da oração

Conforme já vimos anteriormente, as palavras formam grupos de concordância de gênero e número, chamados grupos nominais ou sintagmas nominais. Esses grupos podem ser tratados não só como unidades de sentido, mas também como unidades que formam orações na língua portuguesa. As palavras que ocorrem no interior de um sintagma nominal podem ser caracterizadas como *núcleo* e *adjuntos*. O núcleo é a palavra que desencadeia a concordância, e os adjuntos são as palavras que fazem a concordância com o núcleo, isto é, os adjuntos flexionam-se obrigatoriamente de acordo com as características de gênero e número do núcleo. Como vimos, o núcleo pode ser um substantivo, um pronome ou uma outra palavra qualquer que tenha sido substantivada.

Grupos nominais que estabelecem concordância de número e de pessoa com o verbo recebem o nome de *sujeito*. Trata-se de um elemento especial e obrigatório na formação de orações. O verbo, por sua vez, constitui-se, junto de seus complementos, no *predicado* da oração: sujeito e predicado são os itens básicos no estabelecimento de orações.

A pata caiu, e **ele** ficou olhando para o rato meio cadáver.
(ASSIS, Machado de. *Causa secreta*.)

No exemplo, o grupo nominal *a pata* e *ele* são os elementos com os quais os verbos *caiu* e *ficou olhando*, respectivamente, fazem sua concordância de número e de pessoa. Esses grupos nominais são os sujeitos dessas orações. Note-se que cada ocorrência desse par — um sujeito e um verbo concordando com ele — estabelece uma oração. Praticamente todas as orações na língua portuguesa têm um sujeito e um verbo que concorda com ele.

Pode ocorrer, muitas vezes, que o sujeito seja tão óbvio ou tão conhecido do falante e do seu interlocutor que não haja sequer necessidade de manifestá-lo linguisticamente. Isso, entretanto, não quer dizer que ele não exista; ele simplesmente não foi expresso.

Camargo consolou a filha do desgosto que lhe causava a **partida do noivo**; falou-lhe a linguagem da razão; disse que havia assuntos práticos, a que **os sentimentos** tinham de ceder o passo alguma vez.
(ASSIS, Machado de. *Helena*.)

No exemplo, vemos que os verbos (sublinhados), *consolou* e *tinham de ceder* concordam com os sujeitos (negritados), *Camargo* e *os sentimentos*. Os verbos *falou* e *disse*, entretanto, não têm nenhum sujeito expresso com o qual concordem. Ambos os verbos têm o mesmo sujeito de *consolou*, é o substantivo *Camargo*. Esse processo chama-se *correferência*. É possível imaginar que o interlocutor, ou o leitor, tenha uma memória suficientemente boa para que possa lembrar-se do autor dessas atitudes que se está descrevendo.

Apesar de o verbo aparecer em seguida ao sujeito ser a disposição mais corriqueira, é possível que essa ordem se inverta. Note o caso do verbo *causava*, cujo sujeito é o grupo nominal *a partida do noivo*.

O silêncio prolongou-se alguns minutos, durante os quais **Mendonça** tornou a abrir o livro, examinou uma espingarda

de caça, preparou um cigarro e fumou. **O escravo** ajudava o senhor a mudar de roupa. **Estácio** continuava mortalmente calado; **Mendonça** falou algumas vezes, sobre coisas indiferentes, e **o tempo** não correu, andou com a lentidão que lhe é natural, quando trata com impacientes. Logo que **Estácio** se deu por pronto, e **o escravo** saiu, **Mendonça** voltou diretamente ao assunto que o preocupava.
(ASSIS, Machado de. *Helena*.)

Nesse exemplo mais longo, pode-se notar que há profusão de mudanças de sujeitos com os quais concordem os verbos: o *silêncio*, *Mendonça*, o *escravo*, *Estácio* e o *tempo*. Como eles não estão ordenados, isto é, cada vez ocorre um deles, às vezes repetindo-se, às vezes não, eles têm de ser expressos para que a informação do texto possa ser compreendida pelo interlocutor. Imaginemos a sequência interna reescrita sem todos os sujeitos expressos:

***Estácio** continuava mortalmente calado; falou algumas vezes, sobre coisas indiferentes, e não correu, andou com a lentidão que lhe é natural, quando trata com impacientes. Logo que se deu por pronto, e saiu, voltou diretamente ao assunto que o preocupava.

O interlocutor entenderia que todas as ações foram feitas pelo sujeito do verbo *continuava*: *Estácio*.

O inverso, expressar todos os sujeitos, também não será uma solução adequada.

O silêncio prolongou-se alguns minutos, durante os quais **Mendonça** tornou a abrir o livro, **Mendonça** examinou uma espingarda de caça, **Mendonça** preparou um cigarro e **Mendonça** fumou. **O escravo** ajudava o senhor a mudar de roupa. **Estácio** continuava mortalmente calado; **Mendonça** falou algumas vezes, sobre coisas indiferentes, e **o tempo** não correu, **o tempo** andou com a lentidão que lhe é natural,

quando **o tempo** trata com impacientes. Logo que **Estácio** se deu por pronto, e **o escravo** saiu, **Mendonça** voltou diretamente ao assunto que o preocupava.

No entanto, apesar de o texto ficar sobrecarregado de repetições, não trará tantas confusões como a eliminação de todas as expressões de sujeito. Podem-se substituir as formas repetidas por pronomes ou eliminá-las. Em ambos os casos, é preciso que estejam sempre concatenadas umas às outras. Se substituirmos todas as ocorrências de *Mendonça* por *ele* ou por meras eliminações, teremos alguns problemas.

O silêncio prolongou-se alguns minutos, durante os quais **Mendonça** tornou a abrir o livro, **ele** examinou uma espingarda de caça, [] preparou um cigarro e [] fumou. **O escravo** ajudava o senhor a mudar de roupa. **Estácio** continuava mortalmente calado; **Ele** falou algumas vezes, sobre coisas indiferentes, e **o tempo** não correu, **o tempo** andou com a lentidão que lhe é natural, quando **o tempo** trata com impacientes. Logo que **Estácio** se deu por pronto, e **o escravo** saiu, [] voltou diretamente ao assunto que o preocupava.

Note que o interlocutor novamente não terá como saber que, no final, por exemplo, quem voltou foi *Mendonça*, pois a oração segue uma outra com o sujeito *o escravo*. Pode até ser que o interlocutor admita que o escravo não possa ter voltado ao assunto porque saiu, nesse caso o sujeito a ser depreendido pelo interlocutor seria necessariamente *Estácio*. Dessa maneira, é fundamental que haja ponderação nessas supressões de sujeitos: se há um mesmo sujeito que se repete, pode-se expressar o primeiro e substituir os demais por pronomes ou mesmo eliminá-los, mas se a sequência for quebrada, isto é, ocorrerem outros sujeitos entre eles, será necessário repeti-lo. É preciso ter sempre em mente que nem sempre é culpa do interlocutor ele não entender um texto, o escritor ou o falante tem de dar todas as

informações necessárias para que o interlocutor tenha como entender o texto.

Uma das características interessantes dessa concordância do sujeito com o verbo é o fato de ela se estender para todo o predicado. Nas orações em que o verbo apenas refere uma ligação entre dois grupos nominais — nesses casos o verbo é chamado *de ligação* —, há concordância de gênero e de número com o predicado.

A arte é uma forma de sentir o universo, a ciência é uma forma de conhecer o universo.

(TEIXEIRA, Anísio. *Cartas*.)

Na família da modelo, a história também é desconhecida.

(*Contigo*, n. 1369, de 11 de dezembro de 2001.)

No primeiro exemplo, os sujeitos *a arte* e *a ciência* estabelecem que o verbo *ser* esteja na terceira pessoa do singular. Este verbo, em ambos os casos, por sua vez apenas faz a ligação entre os grupos nominais *uma forma de sentir o universo* e *uma forma de conhecer o universo* com os sujeitos. No segundo exemplo, o sujeito *a história* estabelece que o verbo esteja na terceira pessoa do singular. Este verbo, também faz a ligação entre o grupo nominal e o adjetivo *desconhecida*. Por tratar-se de um adjetivo, há de se fazer também a concordância de gênero e número com o sujeito. Assim, a concordância com o sujeito estende-se a todo o predicado, se nele houver itens que estejam associados ao sujeito por meio de um verbo de ligação. A esses predicados, chamamos de *nominais*, aos demais, chamamos de *verbais*.

Um dos pronomes que foram apenas rapidamente referidos anteriormente, quando tratamos deles isoladamente, são os chamados *pronomes relativos*. Esses pronomes só se compreendem bem se os estivermos observando nas orações. Eles têm uma função dupla que é a de serem conectivos e, simultaneamente, pronomes que atuam

sintaticamente como um dos elementos da oração. Se retomarmos a sequência do exemplo anterior, poderemos entender isso melhor.

o tempo não correu, andou com a lentidão **que** lhe é natural

Na apresentação que fizemos, o verbo *é* não estava sublinhado, agora o sublinhamos e negritamos o pronome relativo *que*. De par com outros pronomes relativos mais raros — *o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas* — o relativo *que* é o mais utilizado de todos. Por ser um pronome, ele atua na oração como atuaria um grupo nominal qualquer que ele esteja substituindo; no caso em questão ele substitui *a lentidão*. A capacidade de substituir que tem o pronome relativo é muito restrita, pois se limita ao grupo nominal que imediatamente o anteceda.

Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz **que** sonha, **que** adivinha, **que** indaga, **que** quer saber e não acaba de saber nada.
(ASSIS. Machado de. *Uns braços*.)

O primeiro pronome relativo da série substituiu o grupo nominal *rapaz*, os seguintes mantiveram a mesma característica que vimos há pouco em relação ao apagamento de sujeitos que ocorrem em sequência. Apenas para o último verbo, *acaba*, não há um sujeito expresso, nem mesmo o pronome relativo *que*. De fato, todos os sujeitos poderiam não ter sido expressos.

Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz **que** sonha, adivinha, indaga, quer saber e não acaba de saber nada.

Essa é uma opção pessoal do autor, trata-se somente de um efeito de estilo.

Assim, mesmo que uma oração pareça não ter sujeito, ela tem. São muito raros os casos em que não há realmente sujeitos. Verbos que referem fenômenos meteorológicos não têm sujeito com o qual concordem e o verbo *haver* especialmente no sentido de “existir” também não tem sujeito.

— Sabes o que estou fazendo, Anastácio?

— Não “sinhô”.

— Estou vendo se choveu muito.

— Para que isso, patrão? A gente sabe logo “de olho” quando chove muito ou pouco...

(BARRETO, Lima. O triste fim de Policarpo Quaresma.)

Nas duas ocorrências do verbo *chover*, não há sujeito expresso. Não há sujeito. Essa é uma propriedade da língua portuguesa. Há língua em que sempre há um sujeito expresso. Quando se utiliza desses verbos metaforicamente, então haverá um sujeito, mesmo que não seja expresso.

Tendo sido na noite de quarta-feira o banquete escandinavo, **o nosso céu** ainda resistiu durante a quinta-feira, e com tal desespero que parecia queimar tudo; mas na sexta-feira já não pôde, e não teve remédio senão chover e ventar. Não choveu, nem ventou muito, não chegou a nevar, mas fez-nos respirar, e basta.

(ASSIS, Machado de. *A semana*.)

No exemplo, o verbo *resistir* está concordando com o grupo nominal *o nosso céu*. Os verbos *queimar* e *poder*, por sua vez, têm o mesmo sujeito do *resistir*, ainda que não esteja expresso. Os verbos *chover*, *ventar* e *nevar*, a rigor, não teriam sujeito, pois indicam fenômenos meteorológicos. A locução verbal *fazer-nos respirar* tem novamente o mesmo sujeito do verbo *resistir*. Por se tratar de uma sequência de verbos, todos com o mesmo sujeito, parece claro que os verbos que indicam fenômenos meteorológicos estão, nesse caso,

concordando com o mesmo sujeito do *resistir*. Isso deixa claro que o autor, com muita habilidade, propôs que foi o *nosso céu* que *choveu*, que *ventou* mas que *não nevou*.

Além de atuar como sujeito de oração, grupos nominais atuam com outras funções: *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal*, *adjunto adnominal* e *adjunto adverbial*.

Diz-se que um grupo nominal é objeto direto de um verbo quando ele é um complemento obrigatório do verbo, que não necessita de conectivos para associar-se a ele. Apesar de isso parecer muito pouco esclarecedor, dificilmente as pessoas têm dificuldade em produzir objetos diretos.

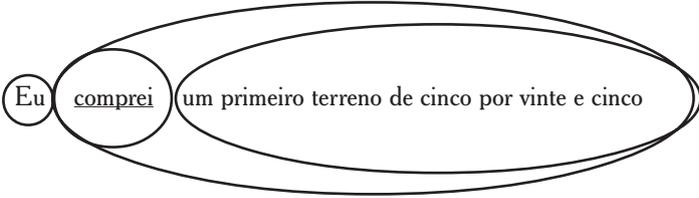
Eu sou de um tempo, Mitre, e não está muito longe: 1968 - eu comprei **um primeiro terreno de cinco por vinte e cinco** e eu comprei **o material** a prestação, construí **um quarto e cozinha**, entrei dentro e, depois que eu construí **esse quarto e cozinha** e paguei **os doze meses de prestação**, eu fui no depósito de material, fiz **outra dívida**, construí **mais um quarto**.

(Luís Inácio Lula da Silva. 2º debate do 2º turno das eleições presidenciais de 1989, realizado no dia 14.12.89.)

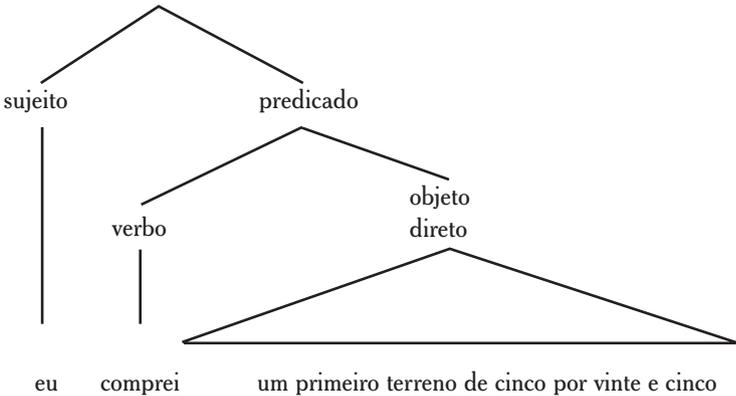
No exemplo acima, na primeira ocorrência do verbo *comprar*, ele concorda com o sujeito de primeira pessoa singular *eu*. O grupo nominal *um primeiro terreno de cinco por vinte e cinco*, por sua vez, com flexão de terceira pessoa, masculino e singular não desencadeia nenhuma concordância. Ele atua como complemento imediato da informação verbal. Note-se que houve apenas a justaposição do objeto ao verbo, sem que nenhum conectivo fosse utilizado. É um objeto e é direto, sem conectivos. Da mesma maneira, teremos os grupos nominais *o material*, *um quarto e sala*, *os doze meses de prestação*, *outra dívida* e *mais um quarto* como objetos diretos, cada um de um verbo diferente.

Eu comprei um primeiro terreno de cinco por vinte e cinco

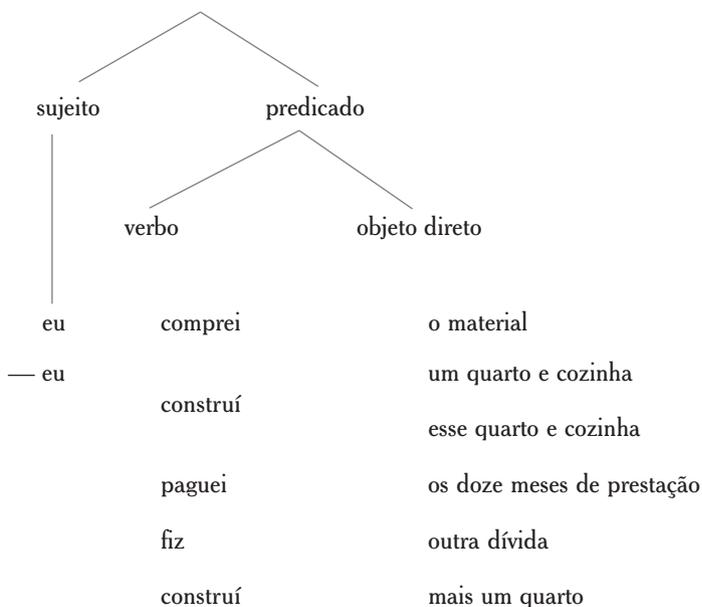
O objeto direto faz parte do predicado, o que estabelece uma relação um pouco diferente entre o objeto direto e o verbo daquela que existe entre o sujeito e o verbo.



Essa representação gráfica pode ser feita, também, de uma outra maneira que deixe essas relações um pouco mais claras:



Nesse tipo de representação ficam muito mais claras as relações que se estabelecem entre esses elementos. Pode-se dizer, por exemplo, que a concordância do sujeito é com o predicado, de uma maneira geral. Todas as demais orações que encontramos no exemplo acima poderão ser representadas de uma maneira muitíssimo semelhante:



Essa ordem que vimos — sujeito, verbo, objeto — é a mais comum na língua portuguesa. É comumente chamada de *ordem direta*. As pessoas normalmente escrevem e falam valendo-se dessa ordem de palavras.

Os complementos verbais não necessitam ser diretos. Há aqueles que são utilizados somente com conectivos, mais especificamente, com preposições.

Os marceneiros necessitam de **cursos de treinamento relacionados à área de segurança e higiene no trabalho**.

(SILVA, K.R. e outros. *Revista Árvore*, v26(4); 2002.)

O verbo *necessitam* vai acompanhado de um objeto que lhe complementa o sentido; no entanto esse objeto não está ligado diretamente a ele. Há a preposição *de* entre eles. Por haver essa preposição, esses complementos são chamados de *indiretos*. Alguns verbos tradicionalmente vêm acompanhados de objetos indiretos, como é o caso de *gostar*, de *dar*, de *oferecer*, de *lembrar*, de *esquecer*, dentre muitos outros.

Os jogadores não gostaram **da** acusação do companheiro de que falta vergonha na cara ao elenco.
(Folha OnLine, 15/01/2001.)

No exemplo, o grupo nominal *a acusação do companheiro de que falta vergonha na cara ao elenco* não vai apenas justaposto ao verbo. Há a preposição intercedendo essa relação.

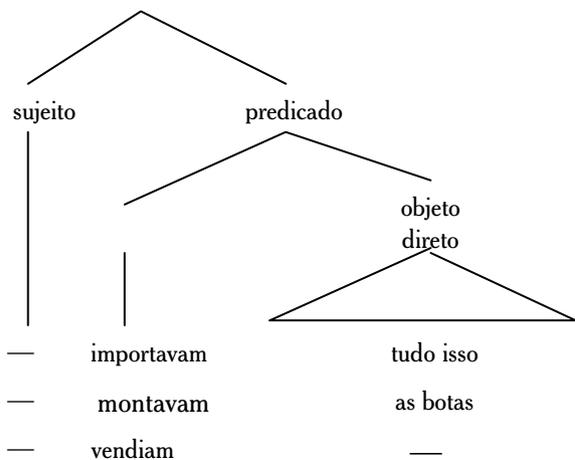
Apesar de os exemplos que demos apresentarem objetos indiretos isoladamente, não é assim que eles normalmente ocorrem. É mais comum que ocorram em conjunto com objetos diretos:

As equipagens transbordando de cravos e de rendas brancas davam **ao desfile** um aspecto de batalha de flores.
(ORTIGÃO, Ramalho. *Cartas à Emília*.)

As novas formações partidárias surgidas em todo o mundo, por sua própria natureza refratárias aos processos democráticos, **oferecem** perigo imediato **para as instituições**.
(VARGAS, Getúlio. *Discurso-manifesto à nação*, em 10 nov. 1937.)

Como se nota nos exemplos acima, os objetos indiretos *ao desfile* e *para as instituições* ocorrem em conjunto com os objetos diretos *um aspecto de batalha de flores* e *perigo imediato*. Não há uma ordem necessária em que devem ocorrer esses objetos, é comum, entretanto, que o menor deles apareça mais próximo ao verbo.

Importavam tudo isso, como matéria-prima, livre de impostos, montavam as botas nas suas singulares fábricas e vendiam pelo triplo do que custavam os estrangeiros.
(BARRETO, Lima. *O falso Dom Henrique V*).



Embora seja muito menos frequente, a eliminação do objeto também é um fenômeno comum que se pode usar quando há sequência de objetos idênticos. No caso acima, o objeto direto *as botas* do verbo *montar* é o mesmo do verbo *vender*. Assim, o objeto do verbo *vender* pode ser eliminado sem nenhum prejuízo para a compreensão do texto.

Os grupos nominais também atuam na oração exercendo outras funções, para além das funções de sujeito ou de objeto; como já vimos, podem ser *adjuntos adnominais* e *adjuntos adverbiais*. Os adjuntos adnominais são os grupos nominais que se subordinam por intermédio de uma preposição no interior de outro grupo nominal: são as locuções adjetivas.

Os adjuntos adverbiais são os grupos nominais que se acrescentam à oração, ou mesmo a outros grupos nominais, atuando com função semelhante à de advérbios. Dessa maneira, a função de

adjuntos adverbiais pode ser exercida tanto por um grupo nominal, quanto por um grupo nominal se este vincular-se aos demais elementos de uma oração por intermédio de uma preposição.

Na ponta da produção, encontramos o processo de industrialização, como dominante.
(ALCÂNTARA, Lúcio. *Discursos*. 2001. Disponível em www.senado.gov.br.)

Hoje encontrei dois regatos de boa água.
(ALMEIDA, Francisco José de. *Diário de viagem de Moçambique para os rios de Sena*.)

Nos exemplos acima, *na ponta da produção* e *hoje*, respectivamente da primeira e da segunda oração, temos adjuntos adverbiais; no primeiro caso, o adjunto é formado por um grupo nominal encabeçado por uma preposição — *em+a>na* — e, no segundo, por um advérbio. Ambos têm exatamente a mesma função sintática de adjunto adverbial. No caso particular de adjuntos adverbiais formados por grupos nominais preposicionados, é comum separá-lo com uma vírgula dos demais termos da oração.

Finalmente, temos os *complementos nominais* com elementos sintáticos. Não é fácil distingui-los dos adjuntos adnominais. A sua característica fundamental é o fato de serem verbos nominalizados, isto é, verbos que foram tratados como nomes. Assim, o complemento nominal é o objeto direto do verbo que foi nominalizado. Para fazer essa nominalização, basta que coloquemos um verbo qualquer na posição de um substantivo, isto é, como núcleo de um grupo nominal. Dessa maneira, um verbo nominalizado desencadeará todas as concordâncias próprias dos substantivos.

a todo o **viver** corresponde um **sofrer**.
(QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*.)

No exemplo acima, temos os verbos *viver* e *sofrer* que ocupam posição de substantivos, como núcleos de grupo nominal. Note-se que os artigos que os antecedem concordam em gênero masculino com os verbos nominalizados. Como já vimos anteriormente, verbos não fazem concordância de gênero. Quando verbos nominalizados são usados com objeto direto, esse objeto direto torna-se, então, complemento nominal.

os povos indígenas são solidários aos trabalhadores rurais em
defesa da reforma agrária.
(SUPLICY, Eduardo. *Discursos*, 1994.)

A expressão *defesa da reforma agrária* consiste em um substantivo *defesa* e em um complemento nominal *a reforma agrária*. O complemento nominal seria o objeto direto do verbo *defender*: *defender a reforma agrária*; entretanto, como o verbo foi nominalizado, não há como tomá-lo por objeto direto nem tampouco estabelecer uma relação direta entre o substantivo e seu complemento. Assim, é necessária a presença da preposição *de* para estabelecer a ligação entre esses elementos.

A democracia socialista que ambicionamos construir estabelece a legitimação majoritária do poder político, o **respeito** às minorias e a possibilidade de alternância no poder.
(GENUÍNO, José. *Discursos na Câmara Federal*, 2001.)

Novamente, pode-se entender que o substantivo *respeito* tem o complemento nominal *às minorias*, se se estabelecer um paralelo com a construção *verbo + objeto direto*. A preposição *a*, na crase *às*, é o conectivo que faz a ligação entre os grupos nominais em questão. Embora estejamos referindo sempre grupos nominais, não há razão para restringir a eles essas funções sintáticas de *sujeito*, *objeto*, *adjunto adnominal*, *adjunto adverbial* e *complemento nominal*.

Qualquer um desses elementos poderá ser oracional e estará sujeito às mesmas regras.

Sintaxe entre orações

Os mecanismos gramaticais para reunir orações entre si são mais ou menos semelhantes aos que vimos entre os grupos nominais. Orações podem estar encaixadas umas dentro das outras ou podem estar paralelas entre si. No caso de estarem encaixadas umas dentro das outras, elas estarão assumindo funções sintáticas semelhantes às dos grupos nominais. São chamadas de *orações subordinadas* e caracterizadas como *substantivas* se estiverem no lugar de substantivos, *adjetivas* se estiverem no lugar de adjetivos e *adverbiais* se estiverem no lugar de advérbios.

Da mesma maneira que grupos nominais podem ser *sujeito*, *objeto*, *complemento*, também o poderão ser as orações subordinadas substantivas.

Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atíçar suas saudades
Mas acontece que **não posso me furtar**

A lhe contar as novidades.

(Chico Buarque. *Meu caro amigo.*)

Não quero que pensem que **tenho ódio do senhor presidente da República.**

(MAGALHÃES, Antônio Carlos. *Discurso de renúncia ao mandato de senador.* 2001.)

Nesse instante o moço marítimo teve a visão de que, ao encontro da sua, **vinham duas almas iguais**, tristes na sua esterilidade.

(ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A falência.*)

Ao final da avaliação, as instituições assinam um documento em que **se comprometem a melhorar em pontos insatisfatórios.** (*Folha de São Paulo*, 12/02/2003.)

De acordo com a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), um ônibus que **trafegava na Avenida Brigadeiro Luís Antônio**, sentido centro-bairro, atingiu um carro no cruzamento com a Avenida Paulista, sentido Paraíso-Consolação.
(*O Estado de São Paulo*, online, 21/12/2003.)

Nos exemplos acima, temos as orações *não posso me furtar a contar as novidades*, *tenho ódio do senhor presidente da República*, *vinham duas almas iguais*, *se comprometem a melhorar em pontos satisfatórios* e *trafegava na Avenida Brigadeiro Luís Antônio*.

Cada uma dessas orações pode ser tomada com uma unidade sintática cuja função poderia ser a de um grupo nominal qualquer.

No primeiro exemplo, a oração negritada é o sujeito do verbo *acontece*. Isso a define como uma *oração subordinada substantiva subjetiva*. No segundo exemplo, a oração negrita é o *objeto direto* do verbo *parecem*. Assim, é uma *oração subordinada substantiva objetiva direta*. No terceiro exemplo, a oração negritada é um complemento nominal. Assim, é uma *oração subordinada substantiva completiva nominal*. No quarto exemplo, a oração negritada é adjunto adverbial. Assim, é uma *oração subordinada adverbial*. No quinto exemplo, a oração negrita é adjunto adnominal. Assim, é uma *oração subordinada adjetiva*. Deve-se salientar que, em todos os casos em que não haveria uma ligação indireta — sujeito, objeto direto e adjetivo — entre os elementos que se relacionam, não se usou de preposição. Nos casos em que essa relação seria mediada por uma preposição — adjunto adverbial e complemento nominal —, ela ocorreu.

As orações adjetivas, por sua vez, apresentam algumas características que nos permitem estabelecer dois subgrupos: o das *restritivas* e o das *explicativas*. A diferença entre ambas decorre do fato de que as restritivas atuam unicamente como adjetivos, especificando o fato por uma de suas qualidades intrínsecas, enquanto as explicativas apenas acrescentam informações às já existentes.

A maioria dos homens que **assumiram a responsabilidade do movimento abolicionista** está de tal modo comprometida com as esperanças dos escravos e com as convicções de suas consciências; adiantou-se tanto e com tamanho impulso que lhe é impossível parar.
(PATROCÍNIO, José do. *Campanha abolicionista.*)

Aqueles homens, que **chegavam dilacerados pelas garras do jagunço e pelos espinhos da terra**, eram o vigor de um povo posto à prova do ferro, à prova do fogo e à prova da fome.
(CUNHA, Euclides da. *Os sertões.*)

Nem sempre é fácil distinguir entre uma adjetiva restritiva e entre uma adjetiva explicativa. A oração do primeiro exemplo é restritiva e a do segundo é explicativa. A diferença entre elas está no fato de que na primeira restringe o conjunto dos homens que está comprometido com as esperanças dos escravos, isto é, são apenas os que assumiram a responsabilidade do movimento abolicionista que têm esse compromisso; na segunda, todos os homens eram o vigor de um povo, independentemente de chegarem dilacerados ou não. As orações adjetivas explicativas podem ocorrer como orações coordenadas.

Aqueles homens **chegavam dilacerados pelas garras do jagunço e pelos espinhos da terra** e eram o vigor de um povo posto à prova do ferro, à prova do fogo e à prova da fome.

Assim, orações adjetivas explicativas apenas acrescentam informações ao elemento antecedentes. Devemos lembrar que, apesar de ser o conectivo *que* que faz a ligação, trata-se de um pronome, o chamado pronome relativo que já vimos anteriormente. Os pronomes relativos são conectivos específicos das orações adjetivas.

As orações que têm as mesmas propriedades dos advérbios são as orações adverbiais. Podem ser *temporais*, *causais*, *comparativas*,

consecutivas, condicionais, finais, proporcionais, modais, locativas; são muitas as possibilidades de classificação para essas orações. Uma das características mais próprias das orações adverbiais é o fato de não aparecerem necessariamente numa mesma posição, da mesma maneira que a grande maioria dos advérbios.

As capitânias foram doze, embora **divididas em maior número de lotes**.

(ABREU, Capistrano. *Capítulos de história colonial*.)

A oração *embora divididas em maior número de lotes* é uma oração adverbial *concessiva*. O seu conectivo é *embora*, uma conjunção subordinativa. Essa oração adverbial poderia ter ocorrido em muitas posições.

Embora **divididas em maior número de lotes**, as capitânias foram doze. As capitânias, embora **divididas em maior número de lotes**, foram doze.

Como se pode notar nos exemplos construídos acima, não há grandes mudanças na informação que se procura transmitir ao interlocutor. Trata-se mais propriamente de uma questão de estilo do próprio autor.

Ainda que as orações adverbiais possam ser percebidas, nem sempre é possível distinguir entre as diversas categorias propostas. No exemplo abaixo, pode-se interpretar a oração *o assunto é demasiado sério* como uma oração temporal ou como uma oração condicional.

Certo amigo lhe retorquiu que, quando **o assunto é demasiado sério**, não se pode rir.

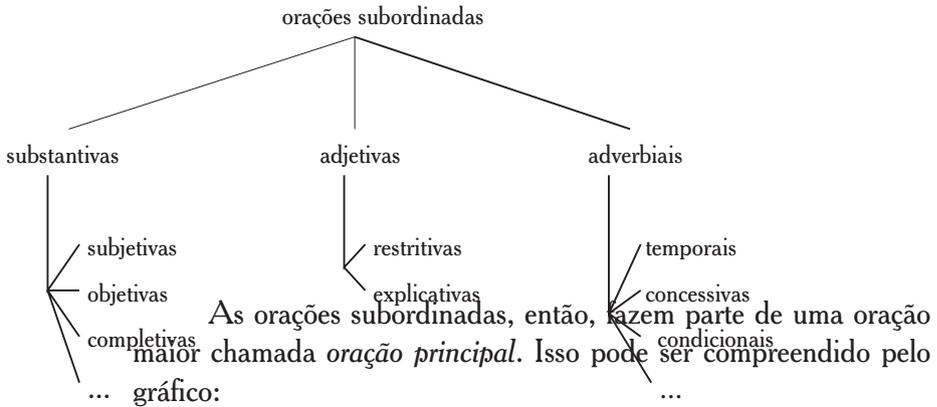
(TEIXEIRA, Anísio. *Cartas*.)

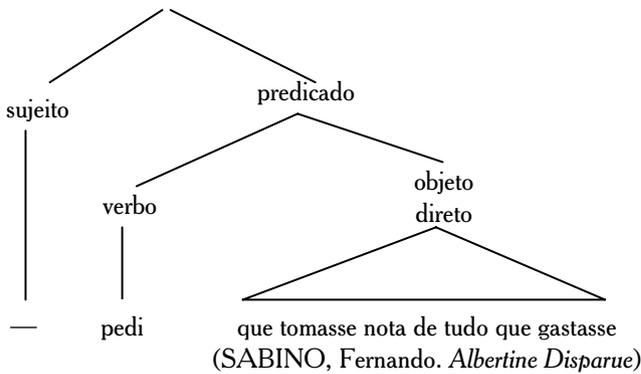
A oração encabeçada pelo conectivo *quando* é a que estabelece o momento em que, numa conversa, não se pode rir. É uma oração

adverbial temporal. Poderia também ser uma condição para que não se pudesse rir numa conversa qualquer. Apesar dessas ambiguidades, a oração é adverbial, atuando como um advérbio, à semelhança do que se viu no outro exemplo.

Quando **o assunto é demasiado sério**, certo amigo lhe retorquiu que não se pode rir. Certo amigo lhe retorquiu que, não se pode rir, quando **o assunto é demasiado sério**.

Dessa maneira, podemos estabelecer que as orações subordinadas são as seguintes:





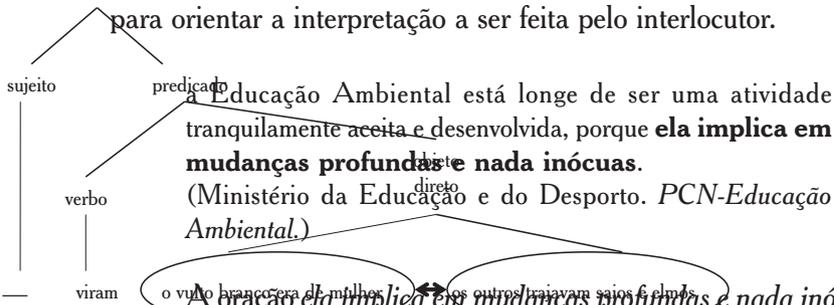
A oração *tomasse nota de tudo que gastasse* é o objeto do verbo *pedi*. Assim, são duas orações: uma principal, que engloba todo o conjunto, inclusive o objeto direto oracional, e outra subordinada, que se restringe a oração que atua como objeto direto.

Pode ocorrer que haja mais de uma oração exercendo a mesma função sintática em uma oração principal. É o mesmo caso de uma oração com dois objetos diretos

Ao aproximarem-se, viram que **o vulto branco era de mulher** e que **os outros trajavam saios e elmos** e traziam achas de armas.
(HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*.)

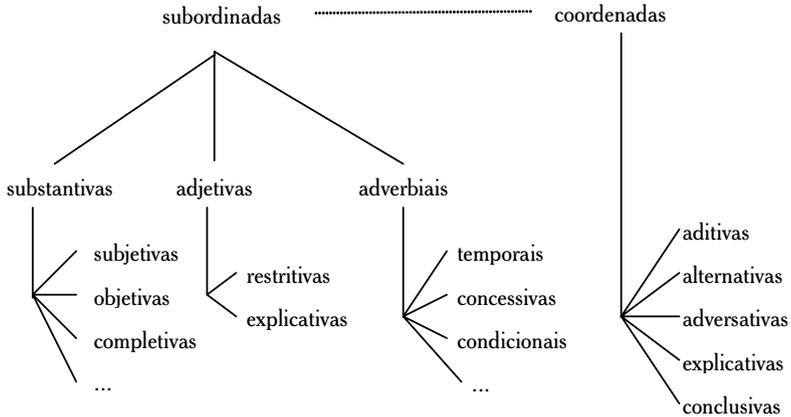
No exemplo acima, as orações *o vulto branco era de mulher* e *os outros trajavam saios e elmos* são objetos diretos do verbo *viram*, que vão conectados à oração principal pela conjunção *que*.

Normalmente, a coordenação é classificada como *aditiva*, *alternativa*, *adversativa*, *explicativa* e *conclusiva*. As conjunções coordenativas, por sua vez, também podem ser usadas um recurso para orientar a interpretação a ser feita pelo interlocutor.



A oração **ela implica em mudanças profundas e nada inócuas** é explicativa, não só porque vai encabeçada da conjunção explicativa *porque*, mas também pelo fato de estar justificando a oração anterior. A presença da conjunção *porque* não é obrigatória. A relação estabelecida entre as orações, por si só, permite sua interpretação pelo leitor. Se substituirmos essa conjunção por outras, teremos outras nuances de sentido que nem sempre permitem ao interlocutor recuperar a informação que o escritor tentou passar. Nesse caso, temos a coordenação de duas orações completas, que não se subordinam a

nenhuma outra. Entre elas, poderíamos simplesmente colocar um ponto após a primeira e iniciar a segunda com letra maiúscula.



A classificação das orações como coordenadas ou subordinadas não é exclusiva, podendo as orações ser subordinadas e coordenadas ao mesmo tempo. Da mesma maneira, pode-se estabelecer uma outra classificação referindo-se ao fato de as orações estarem sendo relacionadas mediante o uso de um conectivo ou simplesmente pela justaposição. No caso de haver um conectivo, as orações são chamadas de *sindéticas*, no caso de não haver esse conectivo, são chamadas de *assindéticas*. Orações assindéticas têm, portanto, a sua relação estabelecida especialmente pelo sentido de cada uma das orações relacionadas, exigindo do interlocutor maior atividade de interpretação. O uso dos conectivos facilita a compreensão de um texto, isto é, permite ao interlocutor interpretar um texto da maneira para próxima possível daquela que seu autor deseja.

Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Concordância verbal*. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto/Educ, 1997.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988.

VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

Esta obra foi impressa em sistema digital sob demanda e corresponde
ao consumo de 1,6 árvores reflorestadas sob a norma ISO 14001.
RECICLE SEMPRE.



 **Linear B**
gráfica

www.linearb.com.br
Tel.(11)3812-2817